

O FUNCHAL NA NARRATIVA LITERÁRIA E NA CRÓNICA

Ana Isabel Moniz

Thierry Proença dos Santos

A temática da Cidade ocupa um lugar central na literatura e cultura ocidentais desde os primórdios da civilização até aos nossos dias. Seja como *décor* urbano ou como personagem, utopia ou espaço de transgressão, as múltiplas configurações que a Cidade adquire dão a ver o espaço envolvente como forma de auto-identificação e de auto-definição da sociedade que a constrói. Uma perspectiva que vai ao encontro de Kevin Lynch quando afirma que a imagem pública de qualquer cidade decorre da sobreposição de imagens de um número significativo de indivíduos (Lynch 2008: 51).

Apreendido de diferentes formas, consoante a perspectiva do sujeito que o sente, o cenário urbano nasce de uma necessidade histórica que congrega experiências de vida, de imaginação, de emotividade e de crítica. Seja qual for o seu urbanismo, a Cidade apresenta-se como o reflexo de uma ou de várias épocas, um espaço a partir do qual é possível exercitar a memória, estabelecendo uma rede discursiva entre o escritor e os leitores envolvidos na interpretação do lugar. Significa que podem ser encontradas na “tela” literária diversas manifestações da urbe resultantes da forma como os escritores a vêem e a pensam, numa confluência de vozes e de olhares que a traduzem. Na perspectiva de Aguiar e Silva, os textos literários constituem instrumentos privilegiados de transmissão de conhecimentos sobre o homem, a sociedade

e o mundo. Ao criar o texto, o escritor não só transfigura o real como reinventa e instaura o próprio real (Silva 1984: 333-334). À semelhança de outras artes, a literatura apropria-se dos espaços do mundo empírico, representando-os de acordo com o imaginário geográfico de cada autor. Submetido a um tempo e a um espaço particulares, este imaginário mantém uma inevitável ligação com paisagens reais desdobradas no texto, através de múltiplas formas, com as quais se poderá identificar. “O Funchal na Narrativa Literária e na Crónica” procurará, assim, contribuir para dar a ver as diversas imagens da cidade do Funchal ao longo de várias décadas de produção literária, bem como algumas das metáforas e tropos essenciais da sua representação na literatura e cultura locais, retracando imagens mentais que representam o seu quotidiano.

Entre a autenticidade e o estereótipo, como se tem (re)construído literariamente o Funchal na obra de romancistas, de contistas e de cronistas? Que perspectivar da cidade atlântica transmitem os autores de crónicas e de narrativas de ficção — relativamente à sua configuração, à sua história, ao seu povo? O espaço urbano desempenhará uma função neutra ou, pelo contrário, entretecerá uma relação indissociável com o discurso ou com a intriga?

Seja qual for a interpretação dos escritores, entre a cidade real e a cidade ficcional existe um único objecto concreto em que a soma de visões de que cada autor dá conta na sua produção irá desdobrar-se numa multiplicidade de perspectivas, projectando uma imagem caleidoscópica do Funchal. A geografia literária da Cidade emerge, assim, nas palavras, nos tempos e nos lugares, sendo a sua essência, nas diversas configurações que assume, aquilo que se procurará (re)encontrar ao longo deste texto.

I. Cartografia literária do Funchal: entre o real e o imaginário

1. Da História à Ficção

O Funchal tem sido cenário de várias narrativas de contornos históricos. Neste sentido, as obras convocadas ao longo deste estudo conferem um realce particular à “Cidade” como eixo principal do espaço diegético, com evidentes motivações nos referentes reais do passado. Certos textos cruzam ficção com reconstituição histórica; outros revisitam episódios e protagonistas que ficaram na memória e no imaginário colectivo, peças fundamentais para uma possível construção de uma identidade insular. Outros, ainda, ensaiam um exercício de imaginação para compensar tudo o que a historiografia não registou.

No livro segundo da obra *Saudades da Terra*, Gaspar Frutuoso² (1522-1591) lança as bases do mito fundador daquela que viria a ser a cidade do Funchal. Na esteira de este, o conto de João França (1908-1996) intitulado “Aquele Campo de Funchos”, datado de 1993, vem retomar o fascínio que as origens parecem exercer no imaginário do aprendiz-historiador que há em cada leitor. Nele, o narrador avança uma possível explicação acerca da escolha do local para a capital:

Nesse panorama, semicircular, misto de temor e fascínio, o trecho de maior encorajamento para o desembarque estaria a ser aquele convidativo campo de funchos. [...]. E ei-lo [Gonçalo Aires] — o

² Na sua obra *Saudades da Terra*, Gaspar Frutuoso regista: “fermoso valle, [...] sem haver outro genero de arvoredo senão muito funcho [...]. E pelo muito funcho que nelle o capitam achou, lhe poz nome o *Funchal*” em *As Saudades da Terra*, Fac-Símile, História das Ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens, manuscrito do século XVI anotado por Álvaro Rodrigues de Azevedo, com Introdução de Alberto Vieira, Funchal, E.M. Funchal 500 Anos, 2007, p. 39.

primeiro dos seres humanos — a pisar o chão da futura cidade do Funchal. [...]. E ele [capitão Gonçalves Zarco] olhou aquele campo de funchos. (França 1993: 178-179)

No seguinte excerto da *Epanáfora Amorosa*, datado de 1654, de D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), pode ler-se uma variação deste texto:

[...P]rocedendo [João Gonçalves] com sua viagem sempre arrimado à terra, descobriu um espaçoso campo despejado do importuno bosque que por qualquer parte se encontrava. Via-se todo coberto de viçosos funchos, medicinal erva [...]. Procediam deste vale do Funchal ao mar, três caudalosas ribeiras, e defronte dele, na boca da praia em que se rematava, se erguiam dous ilhéus que, como guarda-ventos ou biombos de aquele lugar ameno, para seu reparo tinha ali prevenido a natureza. (Melo 1975: 72)

As primeiras crianças da Ilha, os filhos gémeos do casal Gonçalo Aires Ferreira, teriam nascido nesse “convitativo campo de funchos”. A partir de então, ter-se-á feito o povoamento, dando origem à vila do Funchal, que terá recebido o primeiro foral em 1454 ou nos anos seguintes. Nesse tempo, no declinar do século XV, na sequência da divisão da Ilha em duas capitánias, o Funchal disputava protagonismo com Machico, como ilustra João dos Reis Gomes (1869-1950) no romance histórico *A Filha de Tristão das Damas*, de 1909.³ A urbe, tal como é descrita pelo

³ Tristão das Damas é o epíteto por que ficou conhecido Tristão Teixeira, segundo capitão de Machico, varão de Tristão Vaz (1390-1470), primeiro Capitão-Donatário de Machico, pela sua arte de galantear as damas. Há versos da sua autoria no *Cancioneiro*

autor, reflecte um espaço em franco crescimento devido, em parte, ao desenvolvimento da economia açucareira, uma situação que terá atraído à Madeira comerciantes de várias nacionalidades, nomeadamente, italianos, flamengos, alemães e franceses:

A vila do Funchal desenvolvia-se, aumentava a sua área, a sua riqueza e população, melhorando-se esta justamente pelos cruzamentos feitos com essa gente nova, sadia e laboriosa que de toda a parte aqui chegava. Neste período ainda anormal da vida da Madeira eram quase nulas as exigências para os forasteiros, mais ainda pelas evidentes vantagens tiradas da grande corrente imigratória do que pelas deficiências administrativas e fiscais que eram, a esse tempo, indubitavelmente grandes. (Gomes 1946: 79)

Todavia, na viragem do século XV para o século XVI, o flagelo da peste ensombrará, durante largos anos a vila, entretanto elevada a cidade, em 1508. É nesse contexto que se inscreve o romance *A Ilha e o Tempo*, de João França, datado de 1972. Nessa obra, o autor contempla os costumes da época, a presença de escravos mouros e negros, em contraste com a classe social dominante, descrita em pormenor, as rivalidades e o seu modo de vida. A par da acção, a

de Garcia de Resende, compilado em 1516, e desta actividade literária se depreende que havia alguma animação cultural dos ambientes palacianos da corte nas principais Casas madeirenses. Relativamente ao romance de João dos Reis Gomes, Maria Fátima Marinho apresenta, em *O Romance Histórico em Portugal*, o argumento nos seguintes termos: “A intriga é simples: Guiomar, neta de Tristão Vaz Teixeira, enamora-se por um mouro, que viera tentar salvar uma escrava, Zara, feita prisioneira. A escrava, ao perceber que o seu antigo noivo a julga ainda pura, desespera-se e decide deixar o caminho livre para a sua ama, ajudando-a a fugir e provocando a própria morte. Guiomar vai com o mouro para o Norte de África, vindo a descobrir-se, depois de muitas peripécias que, afinal, ele é filho de um cristão. Há a salientar a descrição da vida na ilha nos primeiros anos da sua povoação e os costumes dos mouros e cristãos no Norte de África. A figura de Cristóvão Colombo é também interessante, sublinhando o carácter ambicioso e persistente do navegador” (Marinho 1999: 103).

narrativa encena o Funchal num contexto feudal que luta contra a epidemia num período “deveras dramático, tanto social como religioso”,⁴ que se estenderia de 1521 a 1538. O autor terá partido do famoso episódio de devoção e piedade medieval que fez de São Tiago Menor o patrono da Cidade. Recorde-se que a 8 de Junho de 1521 o capitão do Funchal, Simão Gonçalves da Câmara, reuniu os notáveis para escolher o santo a quem deveriam pedir intercepção. Em 1538, face ao retorno da peste, ter-se-ão reunido os guardas com os vereadores para entregar a protecção dos munícipes nas mãos do Santo. Quando regressaram da procissão todos os doentes terão voltado curados, por milagre.⁵

É nesse contexto histórico que evolui a protagonista, a morgadinha Isabel Balda, figura rebelde e heróica, que auxiliará, como enfermeira, a filha do Capitão no Convento de Santa Clara. Grato pela coragem e pelo zelo demonstrados ao tentar salvar-lhe a filha, o capitão recompensá-la-á, concedendo-lhe o privilégio de ser dona de uma granja no Monte e, posteriormente, de construir uma casa térrea. Aquando da sua construção, Isabel Balda terá de lutar contra a Natureza: abrir levadas na rocha de basalto, deitar abaixo dragoeiros para construir fazendas, plantar a cana-de-açúcar, montar alçapremas e até lutar contra as nuvens de gafanhotos amarelos que o suão africano ciclicamente expulsa para o sul da Ilha, descortinando, deste modo, alguns fenómenos locais. As iniciativas da heroína representarão a vitória das forças vivas que entretanto se fixaram nos pontos altos dos arrabaldes da urbe sobre a baixa conservadora do Funchal.

Com a produção e o comércio de açúcar, a prosperidade da Cidade insular criou fama e correu mundo, despertando a

⁴ Palavras do autor extraídas da entrevista concedida ao *Diário de Notícias*, Madeira, 8-V-1977.

⁵ Este episódio é lembrado no romance *O Último Cais* de Helena Marques, pela personagem Constança, 1993, pp. 41-42.

cobiça de piratas e de corsários, um facto histórico que parece ter sempre acompanhado o desenvolvimento da Ilha. Evoque-se, a este propósito, o célebre episódio do saque da Cidade,⁶ perpetrado em 1566 pelo corsário francês Bertrand de Montluc.⁷ Acerca deste facto histórico, Alberto Artur Sarmiento⁸ (1878-1953) publicará o conto “O Tesouro da Sé”, em *Migalhas (Contos e Esboços)*, datado de 1911. Nesta breve narrativa de cunho fantástico, Bastião Mendes, o velho tangedor do órgão oferecido por D. Manuel ao templo, protagoniza a cena em que os corsários se preparam para atacar. Com “harmonias de aterrar”, que rasgam o “silêncio lúgubre, sepulcral”, Bastião Mendes ensaia uma maldição, emergindo junto às teclas transfigurado em cadáver, o que horroriza os corsários, provocando-lhes um enorme susto a ponto de deixarem para trás, e a salvo, o instrumento com os seus tubos de prata.

A Mão de Sangue, de 1874, de João Augusto de Ornelas (1829-1886),⁹ anuncia, logo à partida, através do seu título, o enquadramento na mesma temática de mundos assustadores e sugestivos, onde prevalece o tópico da maldição, do crime e da

⁶ O frugal aproveitamento deste facto histórico pelos escritores fez Viale Moutinho afirmar: “E os corsários de Bertrand de Montluc, como é que ainda não deram romance que se visse?” V. José Viale Moutinho, “Na Ilha da Madeira” em *Aquém e Além Montes - Textos de Andarilho*, Porto, Editorial Domingos Barreira, 1992, p. 234.

⁷ Na historiografia francesa é mais conhecido sob o nome “capitaine Peyrot de Monluc”. V., a esse respeito, a monografia de Loirette Gabriel, intitulada *Expédition maritime du capitaine Peyrot de Monluc en 1566*, Imprimerie Nationale, 1941. Na verdade, esta expedição tinha também um carácter punitivo: ao tentarem por três vezes os franceses fundar uma colónia, entre 1562 e 1565, no litoral da Florida, foram consecutiva e cruelmente rechaçados pelo castelhano Pedro Menéndez de Avilés. Como retaliação, os franceses prepararam o ataque a três alvos ibéricos: um deles terá sido a cidade do Funchal.

⁸ Inspirado no mesmo episódio histórico, Alberto Artur Sarmiento publicou, ainda, o conto “O Justo e o Contrito”, em *Redemoinhos de Folhas*, Funchal, Eco do Funchal, 1943.

⁹ V. António C. da Silva, “Introdução histórico-literária à 3ª edição” em *A Mão de Sangue - Romance*, de João Augusto de Ornelas, Funchal, Editorial Calcamar, 1997, p. 5.

loucura. Aproximando-se do romance negro com fundo histórico, irá preparar o leitor, desde o *incipit*, para um cenário sinistro que terá sido inspirado num caso real:

Estamos a 27 de Novembro de 1668. Acabavam de soar, compassadamente, onze horas da noite na torre da Sé Catedral do Funchal. Eram densas as trevas. O formoso panorama do céu estava coberto de um manto negro. [...] Algumas lufadas de vento, rugindo de espaço a espaço, como que perturbavam o silêncio em que tudo jazia. § As ruas da cidade estavam desertas e em completa escuridão. Numa ou noutra casa transparecia, pelas vidraças das janelas, amortecida luz. (Ornelas 1997: 25)

Próximo de uma possível visão do *locus horrendus* romântico, a paisagem urbana tende a desenvolver motivos característicos desse cenário: a cidade labiríntica e deserta, imersa na noite, os sons inquietantes perturbadores do silêncio e a escuridão física desdobrada numa outra, a escuridão psicológica. Um processo dinâmico e demoníaco de um crime nefando, anunciado à partida pelo título que dá nome à obra: *Mão de Sangue*.

Contemporâneo de Augusto de Ornelas, Guilherme Read Cabral (1821-1897), autor do romance histórico *Ángela de Santa Clara*,¹⁰ de 1895, envereda por uma visão romântica menos

¹⁰No seu trabalho intitulado *O Romance Histórico em Portugal*, M^a Fátima Marinho resume a obra nos seguintes termos: “Os clássicos amores de uma portuguesa por um jovem oficial inglês constituem o cerne da intriga. Ao ser erradamente informada da morte do amado, Ángela professa, vindo depois a ser confrontada com o tradicional dilema. Comoamá-lo sendo freira? Opta pela fuga, simulando a morte, e vivendo feliz, no País de Gales, até conseguir a anulação dos votos” (Marinho 1999: 103). O livro fecha com o texto intitulado “A Madeira na actualidade e uma vista retrospectiva, comercial e agrícola” em que se enumera: mares ricos, flora exuberante, formosos jardins, ares de uma pureza admirável, clima salubre, porto animado, os bomboteiros e a mergulhança, risinhos campos, distintas senhoras das letras, como a Viscondessa das Nogueiras e a S.^a

acentuada. Apesar de considerada pelos autores do *Elucidário Madeirense* uma obra com “muitos anacronismos” e “várias inexactidões históricas”, evoca as duas ocupações inglesas (1801 e 1807), quando os “súbditos de sua Majestade” se propunham controlar esta zona do Atlântico perante a ambição de Napoleão. Assente num jogo de diálogos e de correspondência epistolar, esta narrativa “oferece-nos o retrato moral e sentimental de uma freira amorosa de Santa Clara”, em que “a vida da cidade, em volta do mosteiro, é estranha ao conflito” (Gomes 1980). Desenvolve, a par da narrativa de amor e de expressão de sentimentos nobres, uma exposição sobre as curiosidades geográficas e históricas do Arquipélago, referindo, por exemplo, a aluvião de 8 para 9 de Outubro de 1803 que destruiu a Igreja da Conceição de Baixo, vulgo Senhora do Calhau.

Outro facto histórico que terá influenciado a imaginação criativa de vários autores reside na passagem de Napoleão pela Madeira, a caminho do exílio na ilha de Santa Helena, em 1815. Esta circunstância terá sugerido a João dos Reis Gomes o romance *O Anel do Imperador*, publicado em 1934, baseado no facto histórico ocorrido no dia 24 de Julho de 1840, quando, no porto do Funchal, fundearam a fragata *La Belle Poule* e a corveta *Favorite* da marinha de guerra francesa, com “a missão de transladar oficialmente os restos mortais do Imperador Napoleão I [de Santa Helena] para França”.¹¹ Monteiro Teixeira, cônsul da França no Funchal, oferece então ao príncipe de Joinville, chefe da missão, e à sua comitiva um

D. Carolina Dias, e de raro talento musical, bem como o turismo terapêutico que marcou significativamente a época. Numa retórica própria da época, o Funchal, algo idealizado, é apresentada como uma cidade modelo, preocupada com a higiene e a organização, onde se pode admirar infra-estruturas de bom gosto, mercados com “profusão de tudo”, um teatro elegante, e dialogar com habitantes hospitaleiros, com educação e moral sã.

¹¹ Adaptado do verbete “Napoleão” em *Elucidário Madeirense*, de Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses, Funchal, 1998, volume segundo, F-N, pp. 423-424.

faustoso baile a que terão assistido personalidades do Funchal. Durante a recepção, a declamação de uma poesia em língua francesa dedicada ao general Bertrand por uma dama funchalense fá-lo-á tirar do seu dedo um precioso anel, uma relíquia que conservava do Imperador, para presentear a distinta senhora, manifestando, desse modo, o seu agrado pela sentida homenagem que lhe fora prestada.

Na segunda metade do século XIX, a Ilha passa a ser recomendada como estância de cura para doenças pulmonares, desenvolvendo-se, no Funchal, o turismo terapêutico, um facto ilustrado no conto “A Alemã”, de Maximiliano de Azevedo (1850-1911), datado de 1899. Carlos de Áustria, último soberano do império austro-húngaro, morreria de pneumonia no Funchal, em 1922, onde se encontrava exilado. Júlio Dinis,¹² Gomes Leal, António Nobre,¹³ assim como outras figuras da sociedade, onde se inclui Sissi, a Imperatriz de Áustria,¹⁴ também não terão sido alheios a este tipo de turismo em voga na época, nem sempre com resultados satisfatórios. Uma observação que se poderá depreender em Viale Moutinho, quando afirma que “v[ê]m] tossindo os pulmões, desenganados pelos físicos que lhes aconselhavam o cimo mítico da estupenda Atlântida, mal suspeitando que a vida ali se lhes escapava mais depressa”,¹⁵ uma situação que se poderá

¹² V. Nelson Veríssimo, “Júlio Dinis na Madeira”, (plaqueta), Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1990.

¹³ V. Nelson Veríssimo, “António Nobre e a Madeira” em *Margem 2*, n.º 1, Setembro 1995, Funchal, CMF, Setembro 1995, pp. 8-10.

¹⁴ Também estanciarium nesse limbo insular a Princesa Maria Amélia (do Brasil) e Maximiliano, futuro imperador do México, por quem ela se terá tomado de afeição (1852), antes de ele se casar com Carlota, filha de Leopoldo Iº da Bélgica. A morte da Princesa, no Funchal, terá determinado a criação do então Hospício que tinha o seu nome, fundado pela mãe, a Imperatriz D. Amélia (1852-1853).

¹⁵ José Viale Moutinho (coord.), “Apresentação” de *Saudades da Ilha – Evocações Poéticas da Ilha da Madeira*, Porto, Edições ASA, 2003, p. 11.

reencontrar no conto “Rua da Carreira, ocaso”, inserido no livro *Pavana para Isabella de França* (Moutinho 2007: 45-52). No referido texto, o narrador relata a vinda ao Funchal da menina Adélia, filha de uma família abastada do Porto, devido a tuberculose, acabando por aí falecer, um cenário que lhe permite estabelecer uma relação com a estada de Júlio Dinis na Madeira, evocada, oportunamente, nesse conto.¹⁶

Também Agustina Bessa-Luís em *A Corte do Norte*, de 1987, retoma figuras célebres e ambientes do Funchal ao mesmo tempo que propõe trajectos na Madeira romântica cujo ponto nevrálgico é o Funchal, “cidade (...) pequena, adornada de frondosos tis e florida de muitas espécies raras onde [se viam] chegar os brigues da carreira de Londres, que ancoravam ao largo no seu gracioso movimento de velas que se recolhiam ou desfraldavam” (Bessa-Luís 1996: 28). O narrador parece evocar, de forma deliberada, alguns dos mitos locais, fazendo algumas provocações à historiografia da Ilha, num jogo em que se cruza o documento com o texto apócrifo: a Quinta Cossart, mais conhecida como Quinta do Monte, e uma das mais sumptuosas moradias da Madeira, a Miss Phelps e o seu contributo para a origem do bordado madeirense e respectiva expansão comercial, a Quinta do Palheiro Ferreiro, o Clube Funchalense ou o Conde de Carvalhal.

É nessa atmosfera que Ricardo Nascimento Jardim (1906-1990), em *Saias de Balão – Na Ilha da Madeira*,¹⁷ faz coincidir, em duas cenas-chave da obra, a estada do Príncipe D. Luís no Funchal, facto que terá dado azo a um momento alto da mundanidade

¹⁶ A permanência do escritor portuense, que aí terá escrito parte do livro *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, encontra-se assinalada na Madeira, com uma estátua na Rua da Carreira, perto do atelier “Vicentes Photographos”, onde terá residido temporariamente.

¹⁷ Prémio do Concurso Literário de 1945, da Câmara Municipal do Funchal, e publicado no ano seguinte.

funchalense, e ao “levante da pedrada”, motim ocorrido a 8 de Março de 1868. O romance narra as vicissitudes de uma família da elite local, os amores e desamores de Matilde e Clara, filhas de Luís da Cunha, evocando as suas diversões — os namoros furtivos, os concertos, os bailes, o teatro, o *Te Deum* na Sé — e o seu papel no campo político-social da Madeira do séc. XIX, de que é exemplo a sua relação com as famílias Cossart, Hinton e Blandy, referências da colónia inglesa de então. O contexto histórico sublinha os mecanismos da emigração e representa um período de instabilidade que terá atingido o seu auge em 1868. Os partidos políticos na Madeira (fusionistas e populares) entre liberais, defensores da Constituição, e os absolutistas, adeptos de D. Miguel, estarão na origem dessa insegurança, como se poderá ler no seguinte excerto: “Por toda a parte os seus amigos Fusionistas eram vilipendiados pelos Populares que ganhavam terreno. Alguns até haviam já sido agredidos à paulada, de noite, por maltrapilhos nas ruelas da cidade” (Jardim s.d.: 328).

A narrativa combina história com ficção e procura encenar personalidades que distinguiram o Funchal da época, das quais se poderá destacar o governador Câmara Leme, a Condessa das Nogueiras, o Cónego Alfredo César de Oliveira, William Hinton, o Conde de Carvalhal e Jacinto de Sant’Ana e Vasconcelos (futuro Visconde das Nogueiras). Também os espaços diferenciados da Cidade, testemunhos de acontecimentos marcantes da época, servem de contexto à acção. Entre eles, salienta-se o Teatro Esperança, a Praça da Rainha, o Passeio público, a Quinta do Til, o Palácio de S. Pedro, entre outros. Para além dos lugares, também as entidades ficcionais permitem ilustrar hábitos e costumes, modos de vida de uma época. É o caso de Clara, a protagonista de *Saias de Balão*, que usará na última cena um vestido preto com uma ampla *tournure* (Jardim s.d: 391), símbolo da condição feminina

de então. O seu cunhado, Gastão de Lencastre, esbanjador e mundano, não hesitará em descurar as propriedades da família da mulher, dissipando no Funchal, centro da vida madeirense, os rendimentos delas provenientes na política, em festas, em amantes e no jogo. A personalidade histórica que talvez melhor represente este tipo humano terá sido o segundo Conde de Carvalhal, cujas extravagâncias tornar-se-iam famosas, como referem Agustina Bessa-Luís, pela voz do narrador de *A Corte do Norte*,¹⁸ e Ricardo França Jardim (1946), na crónica “Dona Quitéria e seu filho Juvenal”.¹⁹

Se a estada, em 1901, do Rei D. Carlos no Funchal, o único rei português a visitar a Madeira, mereceu honras militares da Esquadra Submarina de Navegação Terrestre, não terá suscitado, no entanto, a nenhum escritor uma narrativa de ficção. Apenas valeu uma monografia de César Pestana (1904-1985), uma crónica de Ricardo França Jardim, em *Inventário dos Mundos*, de 1995, e outras breves alusões em obras literárias.

O bombardeamento do Funchal por submarinos alemães, em 1916 e em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial apresenta-se como outro facto histórico que terá impressionado profundamente as memórias da época. Em *Luísa Marta*, de 1986, de Horácio Bento de Gouveia (1901-1983), encontram-se ecos desse bombardeamento, estigma recorrente no imaginário da população madeirense. Existem referências semelhantes no

¹⁸ A esse respeito, lê-se no romance de Agustina Bessa-Luís: “O famoso conde de Carvalhal de quem Sissi recebera os cumprimentos e o alojamento nos seus domínios das Angústias, morreu arruinado. O jogo evaporara-lhe a alma e a fortuna; mas deixara um nome de original e de castiço, desses que o povo recorda com alguma dose de ironia pungente que é a que acompanha as desilusões dos pobres” em *A Corte do Norte*, Lisboa, Guimarães Editores, 1996, 2ª ed. pp. 24-25.

¹⁹ Ricardo França Jardim em *Tristes Ilhas e Outras Conversas...*, Coimbra, Quarteto, 2002, pp. 167-171.

romance epistolar *Maria Luísa – Memórias de Uma Mulher Sem Estado*,²⁰ de 1921, de António Ferreira (?-?), onde se verificam: “as impressões [...] desoladoras” da guerra, durante esse “período aflitivo de intranquilidade, penúria e miséria”:

Voltei há dias para o Funchal. [...]. As minhas impressões são desoladoras. [...] dentre todas as cidades do mundo, o pobre e abandonado Funchal é uma das grandes vítimas da guerra. Porto do mar, numa ilha bem colocada no Atlântico, [...] o Funchal tinha de se ressentir profundamente neste período aflitivo de intranquilidade, penúria e miséria em que a humanidade se contorce e debate. E assim é que, hoje, a Cidade repousa numa sonolência de morte, deixando ver aos poucos transeuntes a erva rasteira que verdeja nos interstícios das calcetarias e desenrolando à nossa vista o lençol de águas desertas do seu porto, outrora coalhado de tantos barcos de larga tonelagem e agora com os topes da canhoneira *Surprise* e doutras mastreações a assinalarem tristemente, ao lume da água, o caso da sua traiçoeira submersão. Quem chegou a ver, como um dos meus companheiros, o movimento e o animado bulício doutros tempos, não longínquos, sente bem a saudade que lhe trazem estes dias de solidão e

²⁰ Trata de uma relação amorosa narrada sob a forma de um diário e de troca de correspondência, com muitas digressões sobre a cultura clássica, a política portuguesa, a corrente anglófila vs. a corrente germanófila no âmbito de uma história das ideias em Portugal, a Poesia, etc. Parte da acção desenrola-se na Madeira, em 1917, meses depois do bombardeamento do Funchal por submarinos alemães. Contém algumas descrições da Madeira e apontamentos sobre usos e costumes das classes privilegiadas: “O S. Miguel entrou enfim na baía do Funchal — teatro recente duma atrocidade submarina. Ao lume da água ainda surgiam os topes dos mastros do *Kangaroo*, do *Dacier* e da *Surprise* que, pouco antes, um ataque imprevisto fizera mergulhar para sempre naquelas profundezas e cujo feito depressa foi galardoado pelo Kaiser com a cruz de ferro para que a chancela da água imperial não deixasse de legalizar mais uma vez perante o mundo os insidiosos processos da guerra moderna” (Ferreira 1921: 132).

abandono, ao recordar as tardes em que ia para o cais deliciar-se na contemplação de formosíssimas argentinas e doutros tipos esbeltos de raparigas sadias [...] o mais completo e variado mostruário que a Beleza feminina poderia apresentar no seu cartaz mundial. (Ferreira 1921: 153-154)

Em memória das consequências dramáticas da Primeira Guerra Mundial, foi inaugurado a 14 de Agosto de 1927 o monumento em honra de Nossa Senhora da Paz, no Terreiro da Luta, devido, em grande parte, ao esforço do Padre José Marques Jardim para angariar donativos que tornassem possível a realização da referida obra. Um facto que o terá levado a deslocar-se ao estrangeiro e que serviu de inspiração para o enredo de *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*,²¹ de 1968, de Carlos Martins (1909-1985).

Contudo, outros acontecimentos relacionados com a vida no Funchal, que não apenas a guerra, encontram-se retratados em obras de alguns escritores que, dessa forma, procuraram perpetuá-los através dos seus textos. Em 1921, a Quinta do Monte receberia a família imperial austríaca, no exílio de Carlos de Habsburgo, último Imperador Austro-húngaro,²² episódio que viria a inspirar a Viale Moutinho o conto “Um último olhar pelos vinháticos”.²³

O romance *Lágrimas Correndo Mundo*, publicado em 1959, de Horácio Bento de Gouveia, enquadra-se no período em que se dá o alargamento da manufactura dos bordados, a partir de 1924, vindo a ter reflexos profundos na economia da Madeira e no aspecto social do trabalho, dado o elevado número de mão-de-

²¹ Este romance foi, na época, censurado.

²² Carlos de Habsburgo, último Imperador do Império Austro-húngaro, faleceu na Madeira a 1 de Abril de 1922.

²³ V. José Viale Moutinho, *Pavana para Isabella de França*, com prefácio de Diana Pimentel, Porto, Edições Afrontamento, 2007, pp. 53-61. [1ª ed., 1992]

-obra, apesar da sua precária remuneração. Com a saída dos sírios da Ilha, a indústria de bordados ficaria, na sua quase totalidade, entregue a madeirenses, o que não beneficiaria a classe das bordadeiras. No mesmo romance, é sublinhado um outro facto, a euforia que terá tomado conta da Cidade no ano em que o “Club Sport Marítimo” se sagrou Campeão de Portugal, em 1926, sendo o jogador Barrinhas a referência da equipa (Gouveia 1959: 153-156).

O naufrágio do *Physália*, em 1926, onde terá perecido o proprietário do barco, o *sportsman* madeirense Humberto dos Passos Freitas, terá sugerido a Carlos de Freitas Martins, amigo do malgrado proprietário, o livro *As Figuras de Proa do “Marco-Wanda”*, datado de 1978, onde parece entrelaçar ficção romanesca com dados biográficos seus — a história de amor e o seu casamento nas ilhas Selvagens —, com cenas da vida de Humberto Freitas — a construção do iate e o seu final trágico.

A Revolta da Farinha, culminando na Revolta da Madeira (1931), sugeriu a Ferreira de Castro (1898-1974) o romance *Eternidade*, de 1933, e a Viale Moutinho o conto “A Princesa Encantada”,²⁴ onde se pode observar que os dias de insurreição e de motins populares ocorridos na Ilha ainda fazem parte do imaginário de escritores ligados à Madeira.

Os cenários e ambientes que o Funchal oferecia durante a Segunda Guerra Mundial poderão ser observados a partir dos romances *Madeira – Mar de Nuvens*, 1945 (em particular, o capítulo XXX), de Carlos Martins, e *Desnudez Uivante*, 1983, de Marmelo e Silva (1911-1991), bem como nos contos “Distância”, de Maria Franco (1908-1975),²⁵ e “Diário

²⁴ V. José Viale Moutinho, *Cenas da Vida de um Minotauro*, Lisboa, Âncora Editora, 2002, pp. 81-91.

²⁵ V. Nelson Veríssimo (org.), *Contos Madeirenses*, Porto, Campo das Letras, 2005, pp. 137-144.

de Guerra”, de Margarida Gonçalves Marques (1929).²⁶ Tratava-se de um tempo entediante e de inquietação quanto ao futuro, com emissão de senhas de racionamento e com falta de navios no porto. Todavia, com a chegada dos gibraltinos, a Cidade terá ganho uma renovada animação. Foi nesse período que os habitantes de Gibraltar — ponto estratégico para o controlo do mar Mediterrâneo e, por isso, várias vezes bombardeado — foram obrigados a procurar refúgio noutras paragens. Para a Madeira vieram cerca de dois mil indivíduos que nesses anos animaram a Cidade então mergulhada numa profunda crise socioeconómica. Dessa presença faz a literatura algum eco, como é o caso do conto “Pavana para Isabella de França”, de Viale Moutinho:

[Adão o]diava sobretudo os ingleses porque haviam ocupado praticamente tudo durante as guerras, principalmente os gibraltinos, a quem ele chamava *espíões*, ingleses que rezam em espanhol, fazem contas em inglês e, na ilha, falam como podem. Em 1942-45, o Funchal transformara-se numa *zarzuela* *pretensamente britânica*, escrevera. (Moutinho 2007: 21).

Esta temática, rica em menções que se repercutem no conjunto das obras de outros escritores, desenvolve-se em analogias no romance *Margareta* de Horácio Bento de Gouveia, onde é referido o alvoroço causado por algumas gibraltinas na capital insular por aparentarem ser mais desinibidas e emancipadas do que as suas congéneres locais:

— Os rapazes madeirenses sempre tiveram um fraquinho pelas estrangeiras. Quando na guerra de 1939-45 vieram as gibraltinas,

²⁶ V. António Fournier (coord.), *Nostalgia Dei Giorni Atlantici*, Asti, Scritturapura Editore, 2005.

muitos foram os nossos conterrâneos de várias classes sociais que casaram com as raparigas de Gibraltar. E agora são as nórdicas. (Gouveia 1980: 314).

No conturbado período do pós-25 de Abril, registar-se-ia uma abundante descrição da crise sociopolítica de então — o ambiente de incivilidade nas escolas, as manifestações do povo pelas ruas do Funchal e as reivindicações dos operários, consideradas por alguns como excessivas ou inoportáveis a ponto de terem levado à falência algumas empresas onde trabalhavam. A mudança de mentalidades a nível económico e social também servirá de contexto a algumas narrativas, de que pode ser exemplo *Pernas Ceifadas*, de 1975, de Melim Teixeira (1954), o conto “O Santo e a Vizinha”, de Nelson Veríssimo (1955)²⁷ e a crónica “Deixa passar”, de José António Gonçalves²⁸ (1954-2005), entre outras. Os sucessivos rebentamentos de engenhos explosivos na Madeira, acções atribuídas à FLAMA (Frente de Libertação da Madeira), ocorridos, com particular incidência entre 1975-1978, constituirão também objecto de atenção em vários textos, nomeadamente, o romance *Margareta* de Bento de Gouveia e a crónica “Operação parabéns” de Luís Calisto (1950).²⁹

A verdade histórica e consequente interpretação do seu significado literário no âmbito de um contexto cultural virá

²⁷ Nesta narrativa, o narrador faz alusão às traineiras vindas de Benguela com retornados, em meados de Novembro de 1975. Não há notícia de outra ficção que retratasse os retornados na Madeira. Nesta, Nelson Veríssimo descreve: “As autoridades municipais fechavam os olhos diante das ocupações. As pensões do centro da cidade estavam cheias. Nas varandas estendia-se roupa, e ao fim da tarde viam-se caras estranhas que gostavam de fixar o horizonte.” (Veríssimo 2005: 30).

²⁸ V. *Crónica Madeirense (1900-2006)*, Fernando Figueiredo, Leonor Martins Coelho, Thierry Proença dos Santos (orgs.), Porto, Campo das Letras, 2007, pp. 280-281.

²⁹ *Ibid.*, pp. 267-269.

recuperar, dessa forma, acontecimentos e factos, testemunhos fidedignos desses outros tempos, que se impuseram à mentalidade da época e que, nos dias de hoje, continuam a impressionar, não sem deixar de mencionar o protagonismo assumido por outras temáticas de que podem ser exemplo as condições climáticas e as catástrofes naturais: epidemias (a peste e a cólera), o vento leste, a praga de gafanhotos, as aluviões, as tempestades na baía e o tempo de “capacete”.³⁰ Na verdade, se são raras as narrativas que instituem o estado do tempo como agente relevante do seu sistema ficcional, não deixarão, contudo, de fazer, de forma recorrente, alusão a esses detalhes.

2. Imagens emblemáticas da Cidade

Ao transpor para a escrita determinados aspectos relacionados com a Cidade, os escritores eternizam-nos, conferindo-lhes um carácter de permanência no imaginário colectivo do povo: é o anfiteatro do Funchal como cenário, o casario em escadinha até às montanhas, os miradouros, os jardins floridos, a luz dourada do sol de fim de tarde, a estância turística, o paraíso inglês. É também a Sé com a sua torre, o relógio e o adro, a casa de Dona Mécia, referida em alguns textos como *A Mão de Sangue*, de João Augusto de Ornelas e “O Santo da Montanha”, de Camilo Castelo Branco. São também as casas de vinho do Funchal presentes em produções literárias de vários autores das quais se poderá destacar *Margareta*, de Bento de Gouveia, *Viagem Vertical*, de Vila-Matas, *Uma Família Madeirense*, de João França, e o conto “Malvasia”, de Maria Aurora Carvalho Homem (1937-2010). São ainda as quintas madeirenses³¹

³⁰ O termo é utilizado na Madeira para referir o céu encoberto, associado a uma elevada taxa de humidade no ar.

³¹ No que diz respeito ao Funchal, Orlando Ribeiro observa ainda: “Nos arredores multiplicaram-se as quintas; compõem-se de uma casa de habitação com todo

de influência inglesa descritas por Alberto Figueira Jardim (1882-1970)³² ou ainda por Maria Lamas (1893-1983), lugares percorridos pela escrita que contribuem para a formação de uma sensibilidade literária que traduz a “cidade pitoresca, ajardinada e com alma” de que fala João dos Reis Gomes em *Casas Madeirenses*, de 1937.

A visão que a produção literária transmite do Funchal de meados do século XIX até ao primeiro quartel do século XX tende, ainda, a recuperar clichés da cidade romântica representados pelo luxo dos hotéis e das excursões pela Ilha, pelo requinte das quintas madeirenses e da vida fácil e deleitosa que turistas afortunados e famílias abastadas da Madeira desfrutavam. É o Funchal dos postais e dos cartazes turísticos percorrido por calhambeques descapotáveis de marca americana ou inglesa, com a baía repleta de transatlânticos, com os miradouros engalanados de buganvílias, uma cidade coroada com a simpatia estampada no rosto das “floristas da Camacha”.

Mas é sobretudo a baía do Funchal que é considerada uma das imagens emblemáticas da urbe talvez por constituir uma das primeiras impressões a ser registada pelos passageiros que chegavam nos navios que, de tempos a tempos, ancoravam

o conforto urbano, dominando o panorama da baía e do porto, no meio de culturas de rendimento, de flores perfumadas e de árvores que mantêm a frescura. Mesmo trabalhando na cidade, pode-se perfeitamente viver num local aprazível e passar horas de lazer numa calma campestre. Na condição, evidentemente, de trepar ruas, que mais não são do que ladeiras íngremes [...]” (Ribeiro 1985: 127). Para mais informações, consultar o artigo “As Quintas, fulcro da paisagem”, de Cabral do Nascimento, *Panorama – Revista Portuguesa de Arte e Turismo* (especial Madeira / Açores), nº 9, II série, 1954, bem como o capítulo dedicado às quintas madeirenses, de meados do século XX, em *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica* (1956), de Maria Lamas. Ver a crónica “Quintas e Miradouros”, de Jaime Câmara, em *De São Lourenço – Prosas do Estio e do Outono*.

³² Alberto Figueira Jardim, “O Piano”, publicado na revista *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, vol. VIII, nº 38, 1971, pp. 7-9 e republicado em *Crónica Madeirense (1900-2006)*, Fernando Figueiredo, Leonor Martins Coelho, Thierry Proença dos Santos (orgs.), Porto, Campo das Letras, 2007, pp. 46-55.

no porto da Cidade. Existem inúmeras referências literárias da chegada à baía, tornando-a num ritual, “um acto social”, como o vê Helena Marques (1935), em *O Último Cais*, publicado em 1992. Para a autora, o terreno particular da escrita situa-se entre a paisagem da memória e a do imaginário, em espaços indissociáveis da sua experiência real na alusão que sempre faz a imagens da ilha da Madeira como lugares reais, lugares plenos de vida; e são esses mesmos lugares da Ilha que, em *O Último Cais*, Marcos Vaz de Lacerda recorda, ao avistar a baía, no navio que o traz de regresso à Madeira e à família, volvido quase um ano de ausência, justificado pelo seu trabalho como “médico-cirurgião em navios de guerra afectos à estação de Moçambique” (Marques 1993: 19). Designado por “pontes para o mundo” (Marques 1993: 21), o cais, espaço particular da Cidade, assumia-se como o lugar de onde era possível manter o contacto com outras latitudes:

A vida insular dependia inteiramente da sua actividade [dos barcos e do telégrafo] e da sua eficácia como instrumentos de ligação. Os navios ocupavam, seguramente, o primeiro lugar da escala. Dia de navio era dia de festa. E ir ao porto, mesmo sem pretexto de partida ou chegada, significava muito mais do que um gesto mundano, era um acto social. Implicava encontro e convívio, nostalgia do desconhecido e desejo de viajar, [...] reconfortante certeza de que o resto da Terra, afinal, não esquecerá a Madeira. (Marques 1993: 21)

A importância do “dia de São Vapor”, expressão utilizada pelo povo da Ilha para se referir ao dia de chegada de um navio, traduz a dimensão desse acontecimento na vida da Cidade, da mesma forma que espelha a realidade socioeconómica, uma

época de viajantes e de emigrantes marcada por uma quase obrigatoriedade da sua população partir à conquista de outros mundos, mas com os olhos sempre postos na família e na terra que não os podia manter.

A descrição da baía do Funchal traduz uma sensibilidade literária que muitos escritores não derrogam, nem esquecem: “Nunca mais me esqueceu a manhã virginal da Madeira, e as cores que iam do cinzento ao doirado, do doirado ao azul índigo – nem a montanha entreaberta saindo do mar diante de mim, a escorrer azul e verde...”, confessa Raul Brandão em *As Ilhas Desconhecidas*, publicado em 1926 (Brandão 1988: 151). Uma visão “esplendorosa” constantemente renovada em outros escritores de que pode ser exemplo Ferreira de Castro em *Eternidade*:

O navio [...] dobrava, agora, a ponta do Garajau. E surgia, esplendorosa, a baía do Funchal. [...] Começava o encanto cá em baixo, na enseada ampla, onde ancoravam os navios – e [...] os olhos deleitavam-se no anfiteatro imenso. Era um deslumbramento a terra que [...] com seus parques, suas quintas, suas airosas vivendas quase ocultas pelo arvoredado, até a fimbria do mar, onde o casario da cidade se aglomerava, se achegava um ao outro, como se estivesse friorento – ali onde nunca havia frio. [...] Ao pormenor sobrepunha-se o todo, que, de tão belo, dir-se-ia obra de prodigioso artista, vista através de poderosa lente. (Castro 1960: 31-32)

Um “anfiteatro [...] feérico” que levará Vicente Jorge Silva (1945) a justificar que “o Porto Santo apela à partida, a Madeira à chegada” (Silva 1993: 9), uma forma de sublinhar o interesse

particular do cais da Cidade na forma como é recorrentemente apropriado pela literatura: “O encanto da cidade estava na vizinhança com o mar. O cais era lugar privilegiado do entardecer soalheiro. Passeava-se ali, deixando a ilha para trás, retornava-se a ela depois, sem nunca dela se sair”, escreverá Nelson Veríssimo no conto “O Santo e a Vizinha” (Veríssimo 2005: 30).

A prática da “mergulhança”³³ no cais constitui outra das visões emblemáticas gravadas na memória colectiva do Funchal, e amplamente retratada pela literatura. Uma prática ainda existente em portos de ilhas periféricas e pobres,³⁴ referida, de forma recorrente, pelos escritores da época que elegeram a Madeira como cenário de intriga dos seus livros, como é o caso de *Eternidade*, de Ferreira de Castro:

E à frente do cortejo de vendilhões, movimento, rumor e alegria da baía, corpos que deviam andar na escola e outros que já teriam saído dos quartéis, expunham a sua destreza de mergulhadores: § – Patrãozinho!... Patrãozinho!... § Se o solicitado atirava a moeda desejada, logo eles se lançavam à água e iam a três, quatro e mais metros de profundidade capturar a rodela, que marchava, rapidamente, para o fundo. [...]. Havia os que mergulhavam à direita e, por fundo que descesse a quilha do transatlântico, iam emergir à esquerda; mas o trabalho, por ser de maior risco, exigia prévio ajuste, regateado com o curioso lá de cima. (Castro 1960: 34-35)

Uma mesma temática retomada no conto “Lito e a mergulhança”, de João França,³⁵ em que o narrador observa o “fantástico garoto”:

³³ V. *Ilhas de Zargo*, de Eduardo C. N. Pereira, vol. II (1989, pp. 170-171) e a “ilustração” em *Transportes na Madeira* (1983), de Álvaro Vieira Simões, Jorge Sumares e Iolanda Silva.

³⁴ Por exemplo, nas Filipinas, na Ilha Santa Lúcia (Pequenas Antilhas) e na Ilha de Goréia (ao largo da costa do Senegal).

³⁵ João França, *O Emigrante*, Lisboa, Agência Portuguesa de Revistas, s.d., pp. 109-119.

Parecia que nada lhe escapava aos olhos [...] na imensidade da baía: o gesto do turista, no alto da amurada do transatlântico, ao atirar a moeda à água. [...] Semelhante à flecha disparada, ele [Lito] saltaria da canoa [...] para entrar no rumo certo da moeda em queda vertiginosa, feita seu prémio de agilidade [...] voltaria à tona. Orgulhoso, inocentemente orgulhoso, viria mostrar a moeda ao turista generoso e divertido. [...] Lito reentraria na canoa ajudado pelo patrão adulto, para em seguida repetir idêntica proeza, dezenas de vezes, quer fosse Inverno, quer fosse Verão. (França s.d.: 112-113)

José Agostinho Baptista em “O adeus às ilhas”, inserido em *Biografia*, evocará esse mesmo costume dos “rapazes [que] mergulhavam junto aos cascos transatlânticos – money, money para os pais esquecidos numa taberna do litoral” (Baptista 2000: 562).

Também o carro de bois e o carro de cesto são dois meios de locomoção que, além das pérgolas com trepadeiras e dos jardins floridos, constituem emblemas associados ao Funchal. À frente do carro de bois encontrava-se o “candeeiro”, o guia de bois, figura típica com função e imagem regulamentadas pela Câmara Municipal do Funchal, e um dos principais ícones dos postais ilustrados que caracterizavam a capital da Ilha por volta de 1984. A figura e o característico “pregão” têm eco em várias páginas da produção literária local, de que pode ser exemplo a evocação de Luzia (1875-1947) em “Verão na Madeira”, incluída em *Almas e Terras Onde Eu Passei*, de 1936.

Sobre esta temática, Irene Lucília Andrade (1938) refere no seu livro de memórias de juventude, *A Penteada ou o Fim do Caminho*, publicado em 2004, a exclamação particular do condutor de bois:

Aos meus ouvidos soam os estalos das ferraduras e o arrastar das corsas puxadas pelos bois a escorregarem no piso lustroso sobre pano de sebo, carregadas de canas a caminho do engenho do Torreão; o grito do boieiro “Uah! Uah! Boisinho!” é o eco dum vento rebelde que me fustiga a saudade. (Andrade 2004: 19)

Por sua vez, o passeio de carro de cesto, que tradicionalmente fazia o percurso do Monte ao Funchal desde meados do século XIX, apresenta-se como outra imagem mitificada da Cidade e descrita, com detalhe, por Ferreira de Castro em *Eternidade* como uma “operação folgazã” que:

os forasteiros gostavam de incorporar às suas recordações. Largo assento de vime, com espaldar que prometia segurança, fixava-se sobre dois paus ensebados, bons escorregadores. Tinha mesmo almofadas, para maior conforto de costas e de nádegas. E instalado quem assim queria descer, punha-se um homem de cada banda, segurando e orientando a armação, que começava a deslizar – Eh! Eh! – Ah! Ah! Ah! – até lá abaixo, ao Funchal. § Alguns ingleses iniciavam agora a descida, mantendo dificilmente a compostura do rosto. (Castro 1960: 124)

No conto “O caminho do Monte”, de João França, o narrador apresenta uma visão do quotidiano dos carreiros:

Ao grelar do dia os carreiros tinham avistado o Vapor do Cabo apontar à barra e isso queria dizer pão para a boca. Os ingleses saltariam em terra, no cais da cidade; meter-se-iam ao Caminho

do Monte em “abelhinhas”, carro de bois e até mesmo de rede aos ombros dos carregadores. O costume. Uma vez lá em cima, andariam de passeio a pé pelas ruas da freguesia-jardim, feita mirante da cidade; [...] De regresso à cidade, alguns deles experimentariam a sensação da descida num pequeno carro de vimes, em forma de trenó, assente em dois barrotes polidos a sebo, e apenas com lugar para duas ou três pessoas. Os condutores, sempre dois para mais de um passageiro, ficam de fora, na retaguarda: mãos firmes nas cordas presas na parte dianteira do carro, à guisa de tirante guiador; pés ágeis, olhar atento na estreiteza do caminho calcetado, a descer desde seiscentos metros acima do nível do mar até o quase revés com ele, e numa distância de cinco quilómetros. (França s.d.: 95-96)

Mas também de outras imagens se constrói o imaginário do Funchal, representado através de vários monumentos e edifícios, entretanto destruídos pela voragem do tempo, mas que permanecem ligados à história da Cidade, através da literatura. Exemplo disso é a Casa do Colombo ou casa de João Esmeraldo, cujas referências se podem encontrar no livro *A Filha de Tristão das Damas* de João dos Reis Gomes, e o convento de São Francisco, onde actualmente se encontra o Jardim Municipal. Acerca do Pilar de Banger³⁶ são numerosas as alusões em narrativas e crónicas,³⁷ nomeadamente no texto “Funchal: a fisionomia das ruas” de Jaime Câmara (1881-1946), inserido no livro *De São Lourenço: Prosas do Estio e do Outono*, de 1932.

³⁶ São ainda visíveis vestígios do pilar de Banger na promenade da Avenida do Mar.

³⁷ Na crónica intitulada “Da cidade - Roteiro sentimental”, publicada no *Diário de Notícias*, Madeira, 20-XII-1963 e republicada em *Canbenbos da Ilha*, de 1966, Horácio Bento descreve o Pilar, demolido em 1939: “E à direita, grimpendo para o céu como monólito evocador de uma lenda pulcríssima, já milenária, mas atestando a memória indiluída daquilo que foi, o Pilar de Banger, hírto, à semelhança de sentinela, transmitia seu carácter à cidade, como o sinal no rosto identifica o indivíduo”. (Gouveia 1966: 72)

O “Elevador do Monte”, mais conhecido como “Comboio do Monte”, que Margarida Gonçalves Marques evoca no conto “O Anteparo de Marfim”,³⁸ faz parte desse conjunto de construções do passado, perspectivando distintos períodos que a Cidade atravessou, da mesma forma que a Quinta das Angústias, residência em que a princesa Maria Amélia viveu e faleceu em 1853, aos 22 anos. O cemitério de Nossa Senhora das Angústias³⁹ ocupava o actual espaço do Parque de Santa Catarina, no Funchal, como se pode, aliás, depreender através das várias alusões esboçadas em *Eternidade*, de Ferreira de Castro, ou em *Canga*, de Horácio Bento de Gouveia.

Algumas imagens desses monumentos e lugares encontram-se, ainda, perpetuadas através de iconografia da época, composta por desenhos, gravuras, quadros e fotos, e que pode ser vista no Museu Quinta das Cruzes, no Photographia-Museu Vicentes ou ainda em álbuns, como *O Funchal na Obra de Max Römer, 1922-1960*, sob a coordenação de Rui Camacho, e *Memórias do Funchal. O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Séc. XX*, de José Manuel Melim Mendes, recentemente publicados, nos quais se reúne um conjunto de referências que continua presente no imaginário dos cidadãos, contribuindo, dessa forma, para eternizar a Cidade atlântica.

2.1. Espaços de socialização

Existem outros lugares que pela sua relevância no quotidiano da Cidade se tornaram recorrentes no imaginário de escritores que

³⁸ Publicado no suplemento do sexto aniversário do *Tribuna da Madeira*, 7-X-2005.

³⁹ Sabe-se que a última cerimónia fúnebre se terá realizado em Dezembro de 1941, tendo o cemitério sido transferido para a freguesia de S. Martinho em Janeiro do ano seguinte. Esta mudança de local deveu-se a Fernão de Ornelas, o então Presidente da Câmara, conhecido pelo cognome de “Dr. Terramoto”, no âmbito da sua política de requalificação e modernização de espaços urbanos estratégicos na cidade do Funchal.

registam a história da vida do Funchal, de onde não serão alheios alguns espaços de socialização, pontos de encontro que serviram de contexto ao enredo de algumas histórias.

Exemplo disso é o “Casino da Quinta Vigia” que durante o segundo quartel do século XX constituiu o lugar de eleição da “vida funchalense”, e que em 1976 viria dar lugar ao actual Casino projectado por Óscar Niemeyer e Viana Lima.⁴⁰ Situado na antiga Quinta Pavão, e conhecido como o “Clube dos Estrangeiros” ou “Stranger’s Club”, passaria a designar-se “Quinta Vigia” ou “Casino” quando reabriu as portas a 4 de Julho de 1936. No já citado romance *Maria Luísa - Memórias de Uma Mulher Sem Estado*, de António Ferreira, o narrador concede uma atenção particular a esse espaço aquando da sua estada no Funchal, em 1917:

Um sumptuoso Casino [...] que tem sido teatro de festas cheias de brilhantismo. [...]. Fora, nos terraços contíguos, costumam os ingleses saborear seus *whiskies* e sorvetes, em noites cálidas de Estio, enquanto lhes bafeja as faces afogueadas o sopro salino da viração marinha. (Ferreira 1921: 161-162)

Por sua vez, Ferreira de Castro em *Eternidade*, através do episódio do Casino, dá a ver o concorrido ambiente cosmopolita, engalanado de *toilettes* caras, onde se toca e se dança *jazz*, se servem bebidas espirituosas no bar, se entra com muito dinheiro no sedutor jogo na mesa do *baccarat* (Castro 1960: 148-153), uma tendência da época também sublinhada por Horácio Bento em *Canga*, ao referir-se aos *foxes* e ao “tango argentino” e, na sala de jogo, à roleta (Gouveia 2008: 160-163).

⁴⁰ No início dos anos oitenta, a designação “Quinta Vigia” foi recuperada para substituir o nome da Quinta da Nossa Senhora das Angústias, actual residência oficial do Presidente do Governo Regional.

Os clubes representavam outros importantes lugares de convívio para a elite madeirense, como é o caso do “Clube Funchalense”, importante grémio que reunia as personalidades da alta sociedade no século XIX. Na passagem da Monarquia para a República, outros espaços de socialização foram criados de acordo com as afinidades políticas dos seus membros, à semelhança do “Clube Madeira”, “o clube da elite funchalense”, e do “Clube Marítimo”, “clube popular”, como ilustra o romance póstumo, *Uma Família Madeirense*, de João França:

Alfredo Meireles e Bonifácio Jerónimo jogavam bilhar numa das salas do Madeira, o clube chique do Funchal, de que ambos eram sócios [...]. As cores do Madeira, o clube da elite funchalense, eram o azul e o branco, a exemplo da bandeira da Monarquia, e as do Marítimo, clube popular, o rubro e o verde, tal o estandarte da República portuguesa. (França 2005: 34)

Outros sentimentos de pertença podiam estar na origem da criação de um clube, como sucede com o já referido “Clube dos Estrangeiros” ou o “Clube Inglês”, a que o romance *Margareta* de Bento de Gouveia fará várias alusões. Esse espírito manter-se-á com o “Clube Turismo” e com o “Clube Naval do Funchal”.

No imaginário literário, o Funchal continua a apresentar-se como uma estância turística e um paraíso inglês corroborado pelas referências aos hotéis de luxo da Madeira ao longo do séc. XX. Em *A Ilha de Circe*, de 1983, Natália Correia (1923-1993) convida o leitor a ambientar-se ao chique *Royal Garden*, um hotel fictício no Funchal, para privar com os protagonistas que se encontravam de férias na Ilha e que nele se teriam hospedado em Julho de 1946,

retratando o ambiente da época. O designado hotel irá representar uma sociedade *very british* que o narrador descreve num modo crítico, irónico, roçando um patriotismo indignado.

Em *Vivre à Madère*, romance de contornos autobiográficos publicado em 1953, Jacques Chardonne (1884-1968), por intermédio do narrador, evoca a vida da clientela burguesa e distinta, maioritariamente inglesa, do “Hotel Victoria”. A esse ambiente, preferirá passear pela Cidade, oferecendo ao leitor uma imagem da noite no Funchal:

Por vezes, à noite, evadimo-nos do prazer sufocante; vamos respirar lá fora em ruas desertas, bem iluminadas, onde flutua o perfume de flores esparramadas no cimo dos muros. O oceano, perto, é silencioso e escuro. Avançamos até ao centro do Funchal, sob as arcadas, atravessando a grande praça, muito bem cuidada, onde tudo é limpo, iluminado à noite por muitos candeeiros, mas vazia a partir das oito horas e onde mulher alguma jamais aparece; apenas distintas figuras másculas de sapatos achinelados por lá passeiam e nos interpelam a meia voz quando nos cruzamos com eles: tecem um comentário sobre o serão apazível nas três palavras inglesas que conhecem, mas que não agradam a toda a gente.⁴¹

⁴¹ Tradução nossa: “Parfois, la nuit, on s’évade du plaisir étouffant ; on va respirer l’air du dehors dans des rues désertes, bien éclairées, où flotte le parfum des fleurs étalées sur le haut des murs. L’océan proche est silencieux et noir. On s’avance jusqu’au centre de Funchal, sous les arcades, traversant la grande place, si bien tenue, où tout est propre, illuminé le soir par de nombreux lampadaires, mais vide à partir de huit heures et où jamais n’apparaît une femme ; seuls, de nobles gaillards en savates se promènent et vous interpellent à mi-voix quand on les croise ; ils font une réflexion sur la belle soirée dans les trois mots anglais qu’ils savent, mais qui ne plaisent pas à tout le monde.” (in *Vivre à Madère*, Jacques Chardonne 1988: 22).

Pela voz das personagens do escritor catalão Enrique Vila-Matas (1948), no romance *A Viagem Vertical*, se fica a saber que o “Hotel Reid’s” não perdeu o seu charme junto de um certo tipo de hóspedes que lhe deu fama:

– O senhor tem dinheiro? – perguntou a rapariga. § – Muito – disse Mayol. – Então vá para o Reid’s. § Entre outros famosos do Reid’s – Mayol percebeu Ritz – encontravam-se Somerset Maugham e Winston Churchill. Era um belo lugar selecto e muito inglês. Serviam o chá com umas sandes de pão escuro com uma camada de manteiga e rodela de pepino, como era verdadeiramente chique no século passado. (Vila-Matas 1999: 158)

Também os cafés da Cidade são evocados com muita frequência nos livros que retratam o Funchal, impondo-se como espaços onde se respira novidade e mudança ao sabor do próprio avanço da industrialização. A influência que terão tido nos séculos XIX e XX, espaços de encontros e de desencontros, e acima de tudo, de troca de ideias, permitir-lhes-iam afirmar-se como símbolo de modernidade da Cidade, constituindo centros de partilha de novas formas de expressão e de novos modelos que viriam moldar e acompanhar as tendências de outras capitais.

O conhecido café-hotel “Golden Gate” de estilo colonial e de significativo nome inglês, fundado em 1871, tornou-se num dos mais afamados e elegantes do Funchal. Sendo então o porto escala obrigatória de transatlânticos, o café situado no centro da Cidade constituía um imprescindível ponto de passagem para os turistas, bem como lugar de encontro da elite funchalense. Situado na esquina da Avenida Arriaga e da Avenida João Gonçalves Zarco, o

escritor Ferreira de Castro apelidou-o, no seu romance *Eternidade*, de “a esquina do mundo”, epíteto que ainda hoje ostenta:

E sentou-se a uma das mesas do “Golden Gate”. A rua continuava cheia de turistas e não havia defronte um só automóvel parado. Aquele ângulo do Funchal era, entre as esquinas do Mundo, um dos mais dobrados pelo espírito cosmopolita do século. (Castro 1960: 233)

José Marmelo e Silva, em *Desnudez Uivante*, de 1983, assinala através do narrador a enchente que habitualmente tomava conta do “Golden”, aquando da chegada de um pacote: “um salão a tresandar de aburguesado, pequenas mesas rés-do-chão, *maples* de couro de javali para adormecer ingleses aposentados”, onde se liam os jornais trazidos pelo navio acabado de chegar e se ouvia “o timbre continental das vozes, [e] a vivacidade das conversas” (Silva 2002: 689-690). É, ainda, sugerido como um dos raros sítios onde é possível combater “o pasmus” e a “lassitude” nas tardes da Cidade e, por isso, “todos os caminhos lá vão dar” (Silva 2002: 720), como assegura a personagem Mariúcha. Para além disso, a cena do salão de dança em ambiente “pastoso” indicia a tolerada prática do proxenetismo de luxo (Silva 2002: 720-721). Ao conter “todo um tempo ou o templo que representa uma parte do Mundo” (Silva 2004: 177), o *Golden Gate* impõe-se como um lugar incontornável que a literatura revisita regularmente. É o caso da obra de Horácio Bento de Gouveia, das narrativas de Carlos Martins, do conto “A Princesa Encantada” haurido do livro *Cenas da Vida de Um Minotauro*, 2002, de José Viale Moutinho, entre outros.

O “Café Apolo” é outro dos espaços públicos com representação análoga na vida da Cidade, referido em diversos textos dos

quais se poderá salientar *Um Buraco na Boca*, de 1971, de António Aragão (1921-2008), a narrativa “Ana Maria”, de 1972, de Bento de Gouveia, ou “A esquina do mundo” de Carlos Nogueira Fino (1950), inserido no livro *Crónicas da Madeira Nova*, publicado em 2004.

Viale Moutinho evocará, também, o “Café Ritz” ao referir-se a Herberto Helder e a outras personalidades da Ilha: “Será que ele [Herberto] continua a sentar-se no desaparecido “Café-Concerto Ritz” (desde há tempos, um stand de automóveis...), com o António Aragão, o Jorge Freitas ou aquele elegante Carlos Cristóvão, o d’O Vale de Machico, que deixou o seu paço familiar à Ilha?”⁴² (Moutinho 2003: 12)

Por sua vez, Ana Margarida Falcão (1949) em “A cidade com ruas que davam para o mar”, incluído na já referida antologia *Contos Madeirenses*, publicada em 2005, situa a acção no “Café do Teatro”, um outro lugar de referência no movimentado espaço citadino:

E eu, abandonado a mim mesmo, o horizonte do olhar perdido no tampo da mesa do Café do Teatro, com os olhos incandescentes mas cegos pela comoção da neblina quente da tarde, entreguei-me por completo à voz quase calada do vento leste, que me secava o ritmo da saudade dos olhos, e acompanhei-o, murmurando baixinho: §§ *Minha cidade tem ruas § Que vão dar ao mar...* (Falcão 2005: 253)

⁴² O escritor Carlos Cristóvão da Câmara Leme Escórcio de Bettencourt doou à Região Autónoma da Madeira, em 13 de Março de 1987, a capela e o Solar de São Cristóvão, actualmente classificado como Património Cultural. Desde 27 de Janeiro de 2000, o Solar de São Cristóvão é a Casa do Artista, hospedando personalidades de reconhecido mérito que, a convite do Governo da Região Autónoma da Madeira ou por proposta de instituições culturais, desejem desenvolver alguma actividade de carácter cultural. (fonte: “Memórias de uma viagem ao Funchal: Annabela Rita / Casa do Artista www.triplov.com 03-03-2004)

São também inúmeras as referências acerca de outros espaços comerciais ou de lazer, alguns entretanto desaparecidos, mas no entanto para sempre recordados através da escrita. A “confeitaria Felisberta”, na Rua das Pretas, provavelmente a mais conceituada e antiga do Funchal, é um desses lugares percorridos pela literatura, como se poderá comprovar em *Saias de Balão*,⁴³ de Ricardo N. Jardim, e *Torna-Viagem*,⁴⁴ de Bento de Gouveia. Nelson Veríssimo irá referir-se a essa confeitaria no seu livro de crónicas *Passos na Calçada*,⁴⁵ associando o seu interesse histórico à identidade do Funchal.

A “Loja do Talassa”, especializada em artigos religiosos, papelaria e quinquilharia, onde actualmente se encontra o “Centro Comercial Tavira”, representa outro ícone do comércio de que João Carlos Abreu (1935) dará conta na sua bem-humorada *Dona Joana-Rabo-de-Peixe*: “A seguir, colocávamos o Menino Jesus na furna e distribuíamos os pastores pelas montanhas e vales. Os pastores preferidos eram os do “Talassa”, na Rua de João Tavira” (Abreu 1996: 65).

Em alguns textos não são raras as referências aos pequenos comércios, como a “Loja do Pimenta”, algumas vendas e outras lojas de artefactos, as tascas que circundavam a Praça do Peixe e o Mercado de frutas e hortaliças. Assim sucede com o elenco de restaurantes populares, nomeadamente, “O Vilão” e o “Marra Verde”, onde se encontram moças de servir, operárias dos bordados e camponeses de passagem.

⁴³ Ricardo Nascimento Jardim, *Saias de Balão (na Ilha da Madeira)*, Funchal, s.d., pp. 210 e 214.

⁴⁴ Horácio Bento de Gouveia, *Torna-Viagem: o Romance do Emigrante*, Coimbra, Coimbra Editora, 1979, p. 84.

⁴⁵ V. Nelson Veríssimo, “Confeitaria Felisberta” em *Passos na Calçada*, Funchal, Editorial Calcamar, 1998, pp. 18-20.

2.2. Cartografias da Cidade: ruas e bairros

Para além dos cafés e de outros espaços comerciais, alguns lugares parecem aliar-se a hábitos peculiares da época, merecendo uma atenção particular pela sua recorrência em crónicas e em textos de ficção que utilizam o Funchal como cenário e que, assim, permitem dar a ver uma geografia social da Cidade. A leste, situa-se a zona velha, com ambiente popular, onde se cruzavam operários, bomboteiros, pescadores, prostitutas, entre fábricas, estaleiros e ruas estreitas. Na baixa central, entre a ribeira de São João e a ribeira de Santa Luzia, espria-se a zona nobre, com ruas comerciais e casas senhoriais e burguesas, ao passo que, na zona oeste, reside o parque hoteleiro com complexos balneares. Nos arrabaldes do centro, até meia-encosta, situam-se as freguesias com características (cada vez menos) rurais, com as suas populações humildes e laboriosas, mão-de-obra para todo o serviço, incluindo a manutenção de “quintas” e “vilas” de que era vizinha. No cimo da serra, destaca-se a coroa verde de árvores que domina o anfiteatro, uma auréola vegetal que parece contemplar, abraçar e proteger a Cidade.

E para cartografar uma cidade, contribui o estudo das “ruas, praças e betesgas”, como escreveu Jaime Câmara na sua já referida crónica, porque “são influenciadas pelo temperamento de quantos nelas habitam – pela sua idiosincrasia” (Câmara 2007: 40), razão pela qual ocupam um lugar de destaque nas produções literárias de autores que escreveram sobre o Funchal. Um protagonismo reiterado pelo considerável número de crónicas tendo como objecto de atenção as ruas e bairros da urbe, como se poderá ler em “Aspectos da cidade – Qual a sua proveniência?”, de Maria da Conceição de Oliveira Caldeia (1925), conhecida sob

o pseudónimo de Cochicha,⁴⁶ e “Roteiros virtuais” de Francisco Fernandes (1952), inserido em *Cartas de Divagação*, de 2002.

Em *Dona Joana-Rabo-de-Peixe*, de João Carlos Abreu, assiste-se ao que João David Pinto Correia define como um “saboroso conjunto de relatos de memórias cidadinas, ou melhor, de uma das mais castiças e históricas zonas da cidade do Funchal, a Rua de Santa Maria” (Pinto-Correia 2006: 160), ao recordar, por exemplo, a ambiência das tascas da zona velha do Funchal:

Alguns [pescadores] bebiam café preto e comiam pão com molho na Tasca do Quarenta. Por tradição, assentavam os fiados na parede exterior. Normalmente os riscos não coincidiam com as dívidas. Mas o sistema jamais mudou. (Abreu 1996: 77). (...). Nos dias de barcos, [os bomboteiros] juntavam-se nas tascas e deliciavam-se com ovas de espada e outros petiscos bem condimentados. (Abreu 1996: 80)

“A Fonte”,⁴⁷ conto de Irene Lucília Andrade, traduz algumas sensações olfactivas associadas a essa mesma zona:

O odor da maresia de mistura com o do café e do azeite quente não lhe trazia novidade. De bem menino retivera aquele cheiro quando o pai o levava com as alfaces ao mercado e depois à tasca numa esquina algures da Zona Velha para quebrarem o jejum. (Andrade 1993: 191)

⁴⁶ V. *Miscelânea de Memórias (As crónicas da Maria da Conceição publicadas no Jornal da Madeira entre 1989-1993)*, Funchal, Editorial Calcamar, 1999.

⁴⁷ Publicado inicialmente na revista *Islenba*, n.º 13, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura/Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1993, pp. 156-157, e republicado na antologia bilingue *Narrativas Contemporâneas da Madeira/Récits Contemporains de Madère*, Thierry Proença dos Santos, Isabel Baião dos Santos e João Paulo Tavares (orgs.), Secretaria Regional da Educação, Funchal, 1997, pp. 80-85.

No conto “Uma torrada, uma «chinesa»”,⁴⁸ Maria Aurora Carvalho Homem ensaia a história da Rua de Santa Maria, “rua estreita” situada no “bairro da fome”, por oposição ao bairro da Sé, “o mais chique da cidade”, como o vê Ângela Caires (1939), no excerto do capítulo III do romance inédito *O Capitão Tormenta*.⁴⁹

Em “Aqui é uma cidade”, crónica escrita num registo de prosa poética inserida em *Réstia de Alguma Coisa*, de 1973, José António Gonçalves (1954-2005) evoca os arrabaldes onde residiria a já referida mão-de-obra que deu fama à cidade:

Aqui chama a este monte de casas e restos de vida uma cidade. Aqui onde as fogueiras são frias e sobram aquecedores e fogões nas casas da especialidade. E sobram letras. E cães vagabundos. E bêbados nas ruelas. E caixotes do lixo às portas. Onde os rafeiros procuram o que lhes falta. Onde há a denúncia do que a muitos sobra. Como sobram mendigos. Como sobram possibilidades turísticas. Como sobram belas paisagens e vilões. Ou bairros de lata. § Aqui é de facto uma cidade. Há fábricas e empregos. Há patrões. Aqui o casaco nunca é nosso. Aqui a vontade nunca é nossa. Aqui o comando é sempre dos outros. E somos apenas os donos da nossa mente. Os fogos são dos espertos. Dos emigrados. Ou dos herdeiros (im)pacientes. (Gonçalves 1973: 15)

Em contraste com os bairros onde vivem as populações mais humildes, Ricardo França Jardim em *Tristes Ilhas e Outras Conversas...*, de 2002, caracteriza numa perspectiva sociológica a

⁴⁸ Termo usado na Madeira para designar uma ‘meia-de-leite’.

⁴⁹ Nelson Veríssimo (org.), *Narrativa Literária de Autores da Madeira, Séc. XX – Antologia*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1990, pp. 203-210.

Rua Conde Carvalhal como um “pousio em moda de uma certa burguesia bem instalada”, entre os anos vinte e cinquenta do século passado:

A Rua do Conde de Carvalhal era a mostra urbanística de um certo Funchal dos anos vinte. Vivendas enormes com grandes jardins, a que chamávamos “Vilas”, espelhando a sólida e discreta respeitabilidade dos seus moradores. Médicos, advogados, grandes comerciantes, negociantes de vinhos, industriais de moagem, exportadores de bordados e velhas famílias com bens patrimoniais noutros pontos da ilha. (Jardim 2002: 169)

No coração da urbe, a Rua da Carreira, considerada por Isabella de França, “a rua principal da cidade” (França 1970: 52), é uma das ruas mais antigas e mais típicas do Funchal. Por isso, não será de admirar que seja uma das ruas – senão a rua – com maior recorrência na escrita da Cidade como cenário de ficção.

Na outra extremidade da Cidade, a zona balnear do Lido retrata o lugar onde se tomavam banhos de sol e mar como se pode ler nos textos “O estádio náutico do Lido”, em *Crónicas da Beira-Mar*, de 2008, de Victor Caires (1937), “A filha do Sandokan”, em *Arsénico e Rendas Velhas*, de 1996, ou “Férias de Verão”, no já referido *Tristes Ilhas e Outras Conversas...*, ambos de Ricardo França Jardim.

E de outras histórias e nomes de ruas se escrevem várias crónicas que se debruçam sobre esses lugares particulares da vida de uma cidade, de que pode ser exemplo “Uma rua sem história” inserida em *Discurs(ilha)ndo*, publicada em 1999, onde Maria Aurora Carvalho Homem apresenta a personificação de uma rua – a sua? – através das rotinas diárias da vizinhança:

A minha rua tem cabelos de buganvílias rubras a escorrerem por muros pálidos nos ombros das casas, escondidas num recolhimento burguês. § Borda-lhe um lado do perfil um friso de habitações tradicionais: porta ao meio, duas janelas e tapa-sóis. Do outro ressalta a massa de prédios incaracterísticos. Tem um corpo aconchegado e mole. § É uma rua sem saída por onde entram e saem os moradores em atropelos matinais e descansos de fim de dia. § Há nela os cheiros ao café pela manhã, um cheiro insinuado pelas frinchas que se vai almiscarando ao correr do dia: odor a sopa pelo almoço, mistura a suor, comida e cansaço no fim da tarde. § Atropelam-na os jovens logo ao começar do dia. E são gargalhadas soltas, as frases desarticuladas, os chutos mal paridos em bolas de acaso, a gritaria a subir-me pela parede e a entrar sem licença pelo meu quarto. § Um pouco mais tarde é o ruído dos carros no arranque para o trabalho. § Em breve, porém, se reinstala o silêncio. E fica a rua de olhos escancarados para a cidade, suspensa no ar lavado da manhã. (Homem 1999: 25)

Associado aos lugares não se poderá, tão-pouco, deixar de evocar os festejos e as folganças através dos quais também se conta a história da Cidade e dos seus costumes, como se comprova na generalidade da produção de diversos escritores. O grande arraial de Nossa Senhora do Monte, uma das mais celebradas festas da Ilha, é o pano de fundo no conto de contornos etnográficos “Dois irmãos” de João dos Reis Gomes, inserido no volume *História Simples*, publicado em 1907. Convém referir as duas “animadas” e “lustrosas” procissões de que fala Cochicha na crónica “olhando para trás...”: a do Corpo de Deus e a do Sagrado Coração de Jesus (Caldeira 1999: 228). A crónica “Deixar passar... esta nossa brincadeira”, de Carlos Lélis (1932), publicada no livro *Ilha d'invenção*

evoca “Os passeios, no 1º de Maio dos anos trinta, com as idas ao Palheiro-Ferreiro, os cordões de flores amarelas (os «Maio») e as conjugais picardias do «vais saltar a lájea?»” (Lélis 1999: 98).

A tradição da celebração do Natal, uma das épocas mais vividas pelo povo, é referida em vários textos dos quais “O Natal na Madeira - Quando eu era estudante”, de Alberto Artur Sarmiento⁵⁰ e “Revéspera⁵¹ de Festa”, de Lídio Araújo⁵² (1951) podem ser exemplo. Uma temática reencontrada em João Carlos Abreu quando relembra em *Dona Joana-Rabo-de-Peixe* a tradição de ir à Missa do Galo, no que pode ser lido, simultaneamente, como uma construção ficcional com reenvio a algumas das suas memórias:

A véspera de Natal era excitante. Ultimavam-se as caiações e pinturas. Corria-se ao mercado para comprar mais algumas coisas e colocava-se o alegre-campo à volta do céu azul, pintado em papel pardo [...]. Todos viviam a Festa. Íamos à Missa do Galo. Ao regressarmos a casa, encontrávamos os presentes na lareira da cozinha. [...] Depois dos presentes, tomávamos uma canja e saboreávamos todas aquelas guloseimas: os bolos de mel, o bolo de família, o bolo de laranja, as broas de mel, as rosquilhas de manteiga, as cebolas de escabeche, as cenouras, a vaginha com mostarda. § O dia de Natal tinha uma beleza extraordinária. As pessoas [...] falavam, riam e recebiam os amigos. — Ôôôô, vizinha, o Menino Jesus faz pipi? Lá entrava uma cambulhada de gente pela casa dentro. Enchiam-se os copos. Punham-se as fatias de bolos nos pratos. Era uma alegria pura. Um convívio são. (Abreu 1996: 66-67)

⁵⁰ V. *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Novembro-Dezembro de 1951, vol. II, nº 9, pp. 1-4 e republicado em *Margem 4*, nº 1, Dezembro 2007, Câmara Municipal do Funchal, Departamento de Cultura, pp. 79-84.

⁵¹ Na Madeira, o termo ‘revéspera’ designa o dia 23 de Dezembro, ‘a antevéspera do Natal’.

⁵² V. Lídio Araújo, *A Festa*, Madeira, edição do autor, 2002, pp. 39-47.

A noite de São Silvestre, inserida nas festividades do Natal e de Fim de Ano, considerada um cartaz turístico com longa tradição, é descrita em textos como *Madeira – Mar de Nuvens*, quando Carlos Martins se refere aos “seus corredores improvisados”:

As *Festas do Fim de Ano* de 1938 tinham excedido a expectativa. [...] Desde manhã que dificilmente se podia transitar pelas ruas do Funchal. Desde o cais aos arredores da cidade, passeavam turistas de diversas nacionalidades; gente nova, alegre, ricamente vestida. § Os cafés e restaurantes não comportavam mais ninguém. [...] À tardinha [...] as avenidas e ruas apresentaram-se místicas com os seus corredores improvisados, repletos de flores e gambiarras com miríades de lâmpadas coloridas a treparem ao topo das árvores. [...] A Madeira exultava. *As Festas da Cidade* haviam sido um grande acontecimento, mas, para o ano seguinte, haviam ainda de ser melhor! (Martins 1972: 206-207)

A Cidade perfila-se como um corpo que se percorre, dando a ver sinais, códigos e falas em constante diálogo, e oferecendo-se à leitura e exploração das suas imagens para intuir os sentidos do seu discurso, entranhar-se nele e dele se impregnar.

II. Quadros da realidade funchalense: do séc. XX aos nossos dias

Parece existir a tradição de uma visão idílica do Funchal transmitida por escritores, cronistas e poetas,⁵³ em particular,

⁵³ V., por exemplo, os textos e os autores inseridos em *Lugares Selectos de Autores Portugueses que escreveram sobre o arquipélago da Madeira*, antologia organizada por Cabral do Nascimento, Funchal, Delegação de Turismo da Madeira, 1949.

daqueles que estiveram de passagem pela Ilha. A abundante presença de flores não só na paisagem natural como também nos espaços ajardinados da Cidade e das quintas representava um testemunho de harmonia e de beleza daquela que é apelidada de “Ilha das Flores”. Bulhão Pato irá referir-se à Madeira como um espectáculo da natureza, comparando os seus vales aos do paraíso.

Apesar da recorrência de uma imagem edénica associada ao Funchal, muitos escritores marcados por uma literatura de cariz regionalista, com acento no gosto romântico, desenvolveram o tema herdado do mundo greco-latino que opunha a cidade, lugar do desafio e de perdição, ao campo, lugar de paz e de sossego. Uma dicotomia que lhes permitia estabelecer comparações entre esses dois espaços onde, no Verão, o clima fresco do campo convidava a escapar-se do ar opressivo da capital.⁵⁴ É neste sentido que se poderá compreender uma possibilidade sonhada por uns e concretizada por outros quando em “O Piano”,⁵⁵ Alberto Figueira Jardim escreve que:

Possuir uma bela habitação citadina como domicílio permanente e uma quinta, ou várias, no campo para vilegiatura estival – esta ou estas habitadas também sem interrupção durante a respectiva estação – eram apreciadas regalias de pessoas abastadas e o ideal sonhado pelas que não o eram. (Jardim 2007: 47).

⁵⁴ Refira-se que no início do século XX, os bombardeamentos do Funchal durante a Primeira Grande Guerra, aliados ao medo e à falta de pão que se fez sentir na urbe, levou muita gente a refugiar-se no campo.

⁵⁵ Publicado na revista *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, vol. VIII, nº 38, 1971, pp. 7-9 e republicado em *Crónica Madeirense (1900-2006)*, Porto, Campo das Letras, pp. 46-55.

1. Figuras, cenas e lugares do quotidiano

Aliado ao relato e retrato sociocultural da vida funchalense, parecem sobressair em algumas narrativas de ficção tipos humanos recorrentes, de que são exemplo o emigrante – o demerarista, o brasileiro, o venezuelano, o sul-africano –, o turista – alemão, inglês –, o guia/cicerone, o estudante, o bomboteiro, a bordadeira, a estrangeira por quem o madeirense suspira, o “moço de recados” ou “rapaz das voltas”,⁵⁶ o garoto do calhau,⁵⁷ a prostituta, o louco e a curandeira. A esta galeria poderão ainda juntar-se figuras como o retratista, o homem de letras, o padre, o militar, o pequeno burguês acomodado, os lojistas e os seus empregados, o industrial de formação anglo-saxónica, o *self-made man*, o político ocioso e alcoolizado e o homossexual (nomeadamente, no romance *Luísa Marta*). Em *A Corte do Norte*, o homem da Cidade é caracterizado pelo narrador como “um homem feio mas com os olhos azuis do funchalense, baços e duma cor unida, quase sem íris”. Todavia, “as mulheres acabavam sempre por interessar-se por ele, por hábito e por alguma espécie de perversidade irónica que desperta os sentidos” (Bessa-Luís 1996: 114). Na narrativa breve “O Funchal é que é”,⁵⁸ de Luís de Sousa Melo (1936), a voz do texto caracteriza as mulheres funchalenses na viragem do século XIX para o XX como as mais asseadas e as mais bonitas de toda a Ilha:

Porque aqui é que se encontra as mulheres mais asseadas, mais bonitas de toda a ilha. Desde as criadas de servir, passando pelas bordadeiras até às Preclaríssimas Senhoras Donas, é vê-las à saída

⁵⁶ V. Jorge Freitas, “A Tela em Branco”, 2ª ed., Funchal, Edições Ilhatur, 1980. [1ª ed.: 1954].

⁵⁷ Alberto Artur Sarmiento, “O garoto do calhau” em *Almanach de Lembranças Madeirense para 1908*, Funchal, Edição Bureau de la Presse, 1907, pp. 118-119.

⁵⁸ V. *Islenha*, nº 12, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e da Cultura / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Janeiro-Junho 1993, pp. 16-18.

das missas, muito especialmente as de São Pedro e da Sé, umas mais atrás, outras mais à frente, sorrindo e conversando – [...]. § Mulheres não faltam, porque abundam como em nenhum outro lugar da ilha. Mesmo nas lavadeiras, quase sempre brutas, feias e disformes, lá de quando em quando surge um rosto bonito, um corpo esbelto, sugerindo delícias no vaivém do esfregar a roupa contra as pedras nas margens da ribeira. (Melo 1993: 16)

Obras como *Eternidade*, *Canga*, alguns romances de Carlos Martins e o conto “A Princesa Encantada” de Viale Moutinho oferecem um outro perfil, o do “falso herói” funchalense dotado de uma “mente pequenina” que prefere “ter” a “ser”. Por vezes, nas narrativas de ficção de ambiente urbano o narrador tende a assumir um tom crítico, denunciando a teatralização das relações humanas na Cidade, assente em novas tendências, preterindo valores tais como a competência, a responsabilidade e a honestidade. Em *Um Dia Depois do Outro*, Margarida Gonçalves Marques deixará entrever a hipocrisia da sociedade burguesa, como se pode ler no seguinte excerto:

Virgínia fora protagonista de um caso singular que abalara a cidade. § Quando jovem, o noivo, um médico pobre e sem futuro, deixou-a grávida para casar com uma paciente velha e rica, mas prometendo reparar o erro, mal a dama velha morresse. Quando isso, porém, se verificou, ele não cumpriu a promessa feita a Virgínia. Conta-se que, certa noite, armada de um revólver, ela saiu de casa disposta a matá-lo. Valeu-lhe ter aparecido um amigo de família que conseguiu dissuadi-la do seu intento. Desafortunadamente, a cena fora presenciada por meia dúzia de

transeuntes, que se encarregaram de espalhar o escândalo. § – E o filho? – perguntou Madalena, comovida. § – Morreu à nascença. § Virgínia enfrentou com amargura e coragem a flagelação com que a sociedade burguesa da época a castigou. Estava-se no início do século [XX], podia-se fazer tudo e mais alguma coisa, desde que não constasse. (Marques 2000: 35)

Assis Esperança (1892-1975), em *Trinta Dinheiros*, assim como Carlos Martins em *Madeira – Mar de Nuvens*, não perdem a oportunidade de satirizar os “convencidos” do Continente:

Homens e mulheres vulgares, que nas suas terras haviam exercido profissões das mais inferiores, pretendiam então arvorarem-se em presença de estranhos, em importantes individualidades. Despeitados, empenhavam-se em depreciar os madeirenses, à custa de quem se haviam civilizado e enriquecido. (Martins 1972: 34)

Por outro lado, é de sublinhar ainda as reiteradas alusões à jovem mulher madeirense, discreta e virtuosa, com longa tradição nas Letras afectas à Madeira,⁵⁹ sem deixar de lembrar as “velhas

⁵⁹ Essa perspectiva da mulher madeirense poderá ter origem no famoso relato que ficou conhecido pela designação de “o rapto de Isabel de Abreu” contado pela primeira vez, em letra de forma, pelo jesuíta e historiador de origem açoriana, Gaspar Frutuoso, em *Saudades da Terra*, no século XVI: “[na boda de D. Isabel de Abreu e António Gonçalves da Câmara] onde se gastaram ricos e esquisitos manjares de toda a sorte, como os sabem fazer as delicadas mulheres da ilha da Madeira que, além de serem muito bem assombradas, mui fermosas e discretas e virtuosas, são extremadas na perfeição deles e em todas as invenções de ricas cousas que fazem, não tão-somente em pano com polidos lavores, mas também em açúcar com delicadas frutas” (citado no *Elucidário Madeirense*, s.v. “Abreu, D. Isabel de”; actualizámos a ortografia do excerto). Para conhecer melhor os contornos desta curiosa história de amor, de raiz madeirense, remetemos o leitor para Ferreira de Castro que a ela se refere, resumindo-a em traços largos, no capítulo VI de *Eternidade* (Castro 1989: 94-96), para Horácio Bento de Gouveia que dela faz uma síntese na crónica intitulada “Da História da Madeira: Amor

meninas”, condição de mulher solteira evocada num poema epónimo de Edmundo de Bettencourt (1899-1937), e presença assídua na produção ficcional de Helena Marques, como se poderá comprovar em *O Último Cais*:

As velhas meninas fazem parte de todas as famílias, são tão inevitáveis, indispensáveis e estimadas como as velhas criadas. Têm mãos hábeis ou congénita preguiça, mentes atentas e vivas ou uma irremediável indiferença pela vida que decorre à sua volta mas de que quase não fazem parte. Partirão antes do jantar, recusando delicadamente o delicado convite, sairão com a sua única criada, tão velha ou sem idade como elas próprias e, no dia seguinte ou dois dias depois, baterão à porta de outros parentes próximos ou distantes, acompanharão uma prima ao médico, à modista ou às compras e, silenciando a educação cristã e os ensinamentos de caridade ouvidos na infância, comentarão os últimos boatos da cidade, desfazendo reputações ou erigindo novos modelos de virtude, de beleza ou de espírito. (Marques 1993: 62-63)

A saída do jovem estudante da freguesia rural para a Cidade viria também constituir um dos motivos recorrentes em crónicas e em textos de ficção da época. A sua iniciação à Cidade implicava, frequentemente, a visita a “uma casa de rameiras”, aproximando-se dos romances de aprendizagem. Essa experiência pode ser lida em *Canga* quando o protagonista é convidado pelo colega

desvairado” (V. *Canhenhos da Ilha*, 1966, pp. 113-118) e para João França que pretendeu dar a este episódio histórico uma maior dimensão literária no romance *António e Isabel do Arco da Calbeta*, 1985, de sabor naturalista, ao reduzir o enfoque sobre a historicidade em proveito da vida privada das personagens.

a experimentar a atmosfera particular de um lupanar na então afamada Rua dos Medinas (Gouveia 2008: 127). Por sua vez, Carlos Cristóvão (1924-1998) refere-se *No Vale de Machico*, publicado em 1966, a um bordel situado na Rua da Figueira Preta, no Funchal (Cristóvão 1990: 179). Pela voz do narrador fica-se a saber que o protagonista “andou, principalmente, nas ruas, onde ele sabe que existem bordéis” (Cristóvão 1990: 178) à procura do irmão. Em *Tristes Ilbas e Outras Conversas...*, Ricardo França Jardim recorda na crónica intitulada “Um amor feliz” que nos anos cinquenta “para os ritos de iniciação e práticas continuadas, existiam as casas de meninas na Rua Direita e na Travessa da Figueira Preta” (Jardim, 2002: 89). Sublinhe-se que até aos anos setenta do século passado, os estabelecimentos desse género eram confinados ao bairro dos Medinas, para lá da ribeira de Santa Luzia, relativamente à zona nobre e central da Cidade: a Rua Direita e a Rua da Figueira Preta.

No romance *Pernas Ceifadas*, de Maurício Melim Teixeira, cuja acção se desenrola na cidade do Funchal na década de setenta, o pai tirano, fazendo uso da sua autoridade, irá referir-se ao tema como exemplo do que não se deve fazer:

Quem manda aqui su eu! S'a menina ñã quer asseim, rua! Mei na minha casa quere respeite! Iu mate-te, se sei de mai saídas ao correie!... Aquei dentre ñã ia lugá p'a melheres baratas. A Rua da Figueira Preta ñã ia aquei! (Teixeira 1975: 101)

A referida obra *Trinta Dinheiros*, de Assis Esperança, faz alusão à prostituição de luxo no Funchal, quando se refere à secretária-amante de Ataíde de Melo, um cavalheiro de indústria: “Ora se já não me perco, nunca serei da laia das mulheres que

os vapores da carreira para aqui trazem todos os quinze dias, contratadas para cabarés e casas suspeitas” (Esperança 1958: 24). Uma temática retomada em algumas páginas mais adiante pelo narrador ao referir-se ao protagonista:

E como nunca tomara parte com outros industriais nos escândalos que a cidade indignadamente comentara: orgias em cabarés, mulheres regadas ou tomando banho em champanhe; como nunca se deixara colher pelas profissionais dos clubes nocturnos, que enchiam os hotéis do Funchal [...]. (Esperança 1958: 56-57).

De acordo com António Ribeiro Marques da Silva (1932), os cabarés mais frequentados em meados do século passado eram o *Royal*, o *Tivoli*, na Rua Fernão de Ornelas,⁶⁰ e a *Esfera* (Silva 1997: 72) onde não faltava o *Swing*, para “os engates”, como lembra Ricardo França Jardim (Jardim 2002: 89).

Mas nem sempre de cabarés se fazia o percurso do jovem do campo na Cidade na Madeira nos primórdios do século XX. A descoberta e o contacto com outras culturas e outros modos de ser constituíam, sobretudo, um convite irrecusável para a viagem. O Funchal impor-se-ia como abertura para o mundo oferecida por uma eventual e sempre possível partida para outros continentes, confirmada pela forte taxa de emigração registada na época. Veja-se, a este respeito, *Torna-Viagem*, de Horácio Bento de Gouveia, os contos “O Emigrante”, de João França, e “O Funchal é que é”, de Luís de Sousa Melo.

Outras obras como *Eternidade*, de Ferreira de Castro, *Trinta Dinheiros*, de Assis Esperança, alguns romances de Carlos Martins

⁶⁰ Espaço onde actualmente se encontra uma loja de Tecidos.

e de Horácio Bento de Gouveia podem ser exemplo da narrativa de costumes que tem como principal objectivo questões de carácter moral e gestão de afectos em ambiente tendencialmente urbano. Desdobrando-se em aventuras e histórias de amor, bem ou mal sucedidas, a exposição de ideias contrárias às que regulam a vida social, a descrição de hábitos relativos a desportos, lazer e excursões, bem como o fascínio pelo mundanismo e pelo culto da arte veiculam uma análise social do meio envolvente através da voz de um observador-narrador que reflecte sobre determinadas situações do quotidiano.

A par de reflexões sobre cenas recorrentes da vida na Cidade, a actividade jornalística e literária viria contribuir para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre o quotidiano. Como reflexo da vida mundana, as colunas sociais constituíam objecto de atenção por parte da população, em particular, da residente na Cidade. Nessa rubrica, as famílias de bem anunciavam à sociedade os acontecimentos importantes da vida, tais como saídas prolongadas e regressos, casamentos, nascimentos, falecimentos, aniversários, cerimónias e festas, dando conta aos familiares, amigos e conhecidos da sua disponibilidade para receber visitas de cortesia. Para além disso, constituía um espaço em que se proporcionava a leitura de breves peças literárias originais, tais como poema, crónica, bilhete, carta ou conto. Um hábito que permitirá dar a ver um outro, o da importância da actividade jornalística e literária. A este propósito, Alberto Vieira nota a influência da imprensa madeirense do início do século XX, nomeadamente, o *Heraldo da Madeira* (1904-1912) e o *Diário da Madeira*⁶¹ (1912), que estiveram, de algum modo, ao dispor da “Geração do Cenáculo” (1910-1940), com o Padre Fernando Augusto da Silva, João dos Reis Gomes

⁶¹ O *Diário da Madeira* (1912) ainda se publica, mas com uma periodicidade irregular e dilatada no tempo.

e Alberto Artur Sarmiento: “Aí dava-se a público o relato das discussões havidas no hotel *Golden Gate* à porta fechada, e se ditava o percurso da historiografia nascente da primeira metade do século” (Vieira 1995: 64).

O Funchal parece, desse modo, mostrar-se sensível a uma abertura ao mundo das letras e do jornalismo. Não é de admirar que o escritor Horácio Bento deixe transparecer um Funchal de cariz mítico, como na crónica intitulada “Funchal de ontem, Funchal de hoje”.⁶²

Quase em frente do cais, o café Kit-Cat tinha a frequência diária dos poetas e jornalistas da época: Jaime Câmara, Feliciano Soares, Carlos Marinho Lopes, João Marinho de Nóbrega, Teodoro Correia e Henrique Pereira. [...]. § Mas o café que por excelência se distinguia dos demais era o do rés-do-chão do *Golden Gate* [...] onde se viam sentados, tertulindo [...], os vultos de mais fastígio na literatura e no jornalismo da época: Reis Gomes, Comendador Figueiredo, Luís Pinheiro, Dr. João Ferreira, Dr. Elmano Vieira, Francisco Bento de Gouveia, Tenente-Coronel Sarmiento e Baptista Santos. (Gouveia 2007: 126-127)

Com efeito, a imprensa regional constituía-se, desde há muito, como o suporte da vida literária.⁶³ Nesse espaço de informação, de investigação e de criação literária, até havia lugar para um periódico humorístico, o *Re-Nhau-Nhau* de Gonsalves Preto, que representava um projecto de jovens inconformados que souberam

⁶² Publicado inicialmente no *Diário de Notícias*, Madeira, 21-VIII-1982, e republicado em *Crónica Madeirense (1900-2006)*, *op. cit.*, pp. 125-129.

⁶³ Confrontar, por exemplo, os periódicos *Diário de Notícias*, o *Jornal da Madeira*, o *Comércio do Funchal*, o *Eco do Funchal*, o *Das Artes e História da Madeira* e a *Voz da Madeira*.

ao longo de décadas cumprir a função social de zurzir com sátiras de bom-tom as personalidades do poder político e económico da Ilha.

Por sua vez, Carlos Martins em *As Figuras de Proa do "Marco-Wanda"* irá, através da personagem Marco Carlos, denunciar a pressão que se fazia sentir no meio literário na Ilha, em meados do século XX:

Temos, incontestavelmente, na Madeira, rapazes de grande valor literário, mas, motivados às suas dependências, têm que limitar-se a escrever reprimidos, constrangidos, ou então produzir obras neuráticas, que bem se adaptariam ao século passado, a fim de harmonizarem com a mentalidade de uma grande percentagem dos seus leitores e dos que lhes dispensam protecção. E, assim, quando os novos com ideias vastas e horizontes desanuviados pretendem ilustrar-se e procurar distracção na leitura, têm que recorrer a traduções de autores estrangeiros, tendo nós, na nossa terra, tão bons e indiscutivelmente melhores. (Martins 1977: 95)

Com o desenvolvimento hoteleiro dos anos setenta, a Cidade revela-se atenta aos novos interesses, criando espaços de sociabilidade e, por conseguinte, de outros hábitos: os cafés e os restaurantes, as discotecas e as *boîtes*, a prática de desporto, os passeios no ruidoso automóvel do filho-família, a música *pop* no recém-comercializado gira-discos e o convívio com os estrangeiros. Se a leitura do romance *Canga*, de Bento de Gouveia, permitia ainda verificar alguma reprovação por parte do narrador relativamente às influências de certos comportamentos libertinos

FUNCHAL (D)ESCRITO

importados, a então chamada “nova vida” dos jovens funchalenses deixará de ser entendida como dissolução dos bons costumes, mas como ponte de acesso a outras culturas numa clara abertura a outros horizontes.

Todos esses dados virão mostrar possíveis aspectos de uma nova configuração social da urbe em oposição ao universo fechado e patriarcal que até ao momento pontificara. O Funchal tornar-se-á, pois, o espaço cosmopolita da contemporaneidade, acompanhado de alguns novos hábitos, como ilustra o romance *Margareta*, de Bento de Gouveia: os jovens, doravante, encontram-se em esplanadas, de que o “Apolo” ou o extinto “Clube Inglês”, hoje designado “Quinta Magnólia”, podem ser exemplo. A noite, ritmada com tragos de uísque, era habitualmente passada nas *boîtes*, o “Galáxia”, o “Farol”, o “Copacabana” e o “Gemini”.⁶⁴

Importa ainda referir o livro de contos *A Santa do Calhan*, publicado em 1992, onde Maria Aurora Carvalho Homem evoca a noite funchalense dos anos oitenta, a das derivas, dos encontros e desencontros nos bares, nos clubes e nas discotecas. É o caso do conto “Para ouvir Albinoni”, em que um homem e uma mulher trocam o “barulho” ensurdecador de uma discoteca da Cidade pelo sossego de uma casa – a do protagonista – para, como anuncia o título, ouvir Albinoni, na “aldeia piscatória” de Câmara de Lobos.

Em “*Blues* na cidade velha”, conto também escrito sob o signo da música, evoca-se o clube privado do pianista Sérgio (a lembrar Toni Amaral) na zona velha para “músicos, jornalistas, artistas, alguns noctívagos e poucas mulheres, de preferência estrangeiras, acompanhantes de ocasião dos homens, que nos hotéis da cidade animavam os turistas” (Homem 1992: 97).

⁶⁴ A discoteca Gemini abriu as suas portas em 1966, funcionando no então Hotel Nova Avenida, actual Conservatório de Música.

Em “Uma torrada, uma «chinesa»”, é traçado em rápidas pinceladas o retrato e o percurso de vida de uma prostituta nascida na zona velha, que conseguiria o estatuto de senhora casada e respeitável. Sentada à mesa de um café, a sua pose assume-se como modo de representação dos hábitos sociais de uma classe média em ascensão.

Mais recentemente, situado já nos anos 2000, a noite funchalense, a sociedade de consumo e a busca de novas sensações é evocada por Constantino Lopes Palma (1939), em “O travesti de Fabíola”, “O *shot* duplo de Vanessa”, “Betty, Arlette e Suzette – o enterro do osso”.

Esta tendência para o hedonismo foi também observada por Onésimo Teotónio Almeida quando, no seu estilo próprio, ponteadado de humor fino e de alusões subtis, aborda no seu “Prosema a uma ilha vizinha”, numa perspectiva comparativa os Açores e a Madeira, uma explicação baseada no determinismo climático:

Céu azul e luz meridional não alimentam depressões nem sufocos de prisão na insularidade que no Funchal inSOLaridade cor vigor e cosmos é o que mais há mesmo alta noite e daí o *Copius Night* outra vez a contrastar com a *Opus Dei* de há pouco nos Açores (Almeida 2004: 36)

Além de expor a galeria de tipos sociais, de oferecer o esboço de carácter sociológico de estabelecimentos particulares, de registar a evolução de mentalidades e de representar muitos dos gestos do quotidiano e estilos de vida, a literatura mostra o Funchal como o espaço privilegiado da produção intelectual da Ilha e, sobretudo, como o lugar de oportunidades, de encontros e de desejos. Mais próximo da actualidade, várias crónicas apresentar-se-ão como documentos sinceros sobre a Cidade, relatando as suas formas de vida social e cultural e captando as suas novas tendências.

2. Paisagem urbana: memória, identidade e consciência crítica

Na produção literária de autores que recorrem ao Funchal como cenário para as suas obras, a Cidade emerge como um espaço privilegiado, pleno de referências trabalhadas pela acção da memória afectiva. A Cidade, memorável pela sua configuração urbana e dinâmica social, tende a funcionar nos textos como um sistema de ressonâncias da vida dos autores, de experiências fundadoras de mitos pessoais e de valores espirituais de que entendem ser os legítimos representantes em nome da terra e da comunidade que os viu nascer ou que adoptaram, dando a ver assim um registo de experiências do quotidiano que retrata a vida e a época. Movidos pela memória afectiva, não sem esquecer uma perspectiva histórica, recriam o ambiente social e caracterizam a paisagem e as gentes que conheceram, oferecendo, deste modo, uma literatura-testemunho, num jogo onde se entrelaça a crónica, a memória e a ficção. E esse “delimitar do território passa, forçosamente, pelo processo de recuperação dos lugares, através da evocação do tempo por vezes nebuloso da memória”, como escreve Ana Margarida Falcão a respeito de *Crónica Breve da Cidade Anónima*, de Irene Lucília Andrade (Falcão 2008: 167). Nesta linha, poderá considerar-se *Luísa Marta*, vindo a público em 1986, de Bento de Gouveia, certos contos de Ernesto Leal, algumas crónicas de Ricardo França Jardim. São de assinalar, ainda, os romances *O Último Cais*, de 1992, *A Deusa Sentada*, de 1994, de Helena Marques, bem como *Um Dia Depois de Outro*, de 1999, de Margarida Gonçalves Marques, narrativas de ambiente “burguês”, da memória feminina seguindo percursos de identidade. E ainda *Angélica e a Sua Espécie*, publicada em 1993, o livro de memórias *A penteada ou o fim do Caminho*, de 2004, de Irene Lucília Andrade, ficções envoltas numa forte carga poética de onde surgem, frequentemente, considerações filosóficas sobre a vida citadina e insular.

Na maior parte da ficção e da cronística,⁶⁵ Horácio Bento de Gouveia prende-se ao “Funchal d’outrora” que vai da implantação da República até à Guerra de 1939-1945, que antecede as grandes transformações de que a Cidade beneficiou sob o mandato do então Presidente da Câmara, Fernão de Ornelas Gonçalves,⁶⁶ entre os anos 1935-1946.

Em *O Último Cair*, Helena Marques irá retratar as últimas décadas do século XIX e a sua viragem para o século XX, num registo de nostalgia da insularidade que transmite o espírito do lugar, impondo-o como entidade actancial que contracena com os protagonistas: “[Marcos] respira fundo o vento que sopra da terra e o cheiro salgado a maresia, começa a absorver, numa alegria esquecida, os sinais da ilha, a linguagem da sua presença sólida e solitária, o acolhimento da sua certeza e da sua força.” (Marques 1993: 49-50). Através da sua obra, a autora traça um mapa cultural da cidade: projecta o elitista Clube Funchalense e os seus bailes de beneficência, tece comentários acerca do hábito de leitura do *Diário de Notícias* local, lançado em 1876, faz referências ao cemitério das Angústias, à casa do Vale Formoso, à Escola Médica do Funchal,⁶⁷ onde se terão formado as primeiras médicas madeirenses,⁶⁸ em 1902, à crescente tensão entre monárquicos e republicanos, e ainda ao *Bútio*, vapor costeiro que a partir do Funchal circundava a Ilha, ligando as diferentes freguesias do litoral.

⁶⁵ V. a esse respeito Thierry Proença dos Santos, “L’image de Funchal dans l’œuvre de Horácio Bento de Gouveia”, Centre de Recherche sur les Pays Lusophones-CREPAL, Cahier n° 14, *Voies du Paysage*, Jacqueline Penjon (dir.), Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2007, pp. 195-212.

⁶⁶ V. a esse respeito a monografia *A Obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935-1946*, de Agostinho do Amaral Lopes, Funchal, E.M. Funchal 500 Anos, 2008.

⁶⁷ A Escola Médica do Funchal foi criada em 1836 e extinta em 1910.

⁶⁸ Helena Marques refere-se a D. Palmira Conceição de Sousa e D. Henriqueta Gabriela de Sousa.

Nessa mesma obra, Helena Marques não deixará de evocar os nobres costumes e gostos da burguesia funchalense que, zelosa da sua identidade, fazia questão de manter a tradição bem como marcar a diferença. É o caso de um “Madeira” fino e raro, bebida tomada em momentos especiais que celebra o orgulho nas origens sociais e geográficas e os momentos importantes da vida:

Frederico de Magalhães [...] era também um apreciável conversador. [...] Discreto, porém, não querendo monopolizar as atenções, aproveitou o pretexto que lhe proporcionava o vinho Madeira, servido em preciosos, delicados cálices de cristal, para informar-se sobre o famoso néctar que ele, pessoalmente, afirmava-o sem hesitação, considerava superior ao porto. Foi um júbilo, todos sorriam desvanecidos. “Mas que castas existem, quais são os melhores?”, quis ele saber. Uma das senhoras mencionou o malvasia, o boal, o verdelho, o sercial. “E o Terrantês”, acudiu Constança, “não esqueça o terrantês. Até existe um ditado que recomenda *Se tens uvas terrantês, não as comas nem as dês, para vinho Deus as fez*. Hei-de pedir ao tio João que mande servir-lhe um cálice.” Mas João Vaz, bonacheirão e afável, recusou: “Quando casares, Constança, quando casares abro uma garrafa de terrantês.” Ela corara – e ficara quase bonita, perturbada pelo olhar de Frederico, [...]. (Marques 1993: 42-43)

Neste sentido, é a Cidade que através dos seus “sinais” e da sua “linguagem” dá a ver a sua “presença sólida e solitária”, respira, comenta, anuncia, sonha, assiste, acolhe e se despede dos seres que nela vivem.

Além do já referido *Dona Joana-Rabo-de-Peixe*, de João Carlos Abreu, acrescente-se *Memórias com Mar*, de 2002, em que através de reminiscências de infância relativas aos anos cinquenta-sessenta,

Francisco Fernandes reconstrói a imagem do núcleo familiar, dando a ver as relações entre os diversos membros, unidos na viagem pela vida e pelo sonho. O autor evoca assim o avô Quica:

Carpinteiro naval por profissão, desenhara e construía barcos nos estaleiros do Arsenal, à beira do Almirante Reis, metamorfoseava em peças de mobiliário as tábuas mareadas de barcos desfeitos, transformava em tampos vidrados de mesas de sala, as vidraças naufragadas de navios afundados. De permeio construía viagens de sonho pelo mundo, nos seus Atlas, como se tivesse um agente de viagens ou um barco à vela navegando nos seus olhos azuis. (Fernandes 2002: 18)

Por sua vez, em “Funchal *revisited*”,⁶⁹ é na memória dos lugares afectivos que o seu autor, António Fournier (1966), procura um reencontro com a vida:

Eu ia confirmando os lugares a oeste do meu coração. (...) § dentro do meu perímetro afectivo, só havia árvores e presenças fixas: a anoneira com o seu cone perfumado; a abacateira que enchia o chão de bolinhas verdes; a pitangueira com os frutos vermelhos sobressaindo por entre as teias de aranha; as pimpineleiras que corriam ao longo dos muros juntamente com as lagartixas; o ribeiro próximo onde na primavera coaxava uma ou outra rã; e a fazenda, sombria e misteriosa, debaixo das latadas da vinha. § as únicas presenças estranhas chegavam sempre com notícias do campo. Vinham não da cidade lá em baixo, mas da outra lá em

⁶⁹ O autor retomou, nesta versão amplamente revista, o texto epónimo publicado na revista *Margem 2*, nº 16, Outubro 2003, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, pp. 8-15.

cima, que dialogava continuamente com o coração selvagem da ilha: as mezinhas da curandeira e o cheiro a alecrim queimado que purificava a casa do mau-olhado, e o apito familiar do leiteiro, que descia todos os dias das montanhas, pontualmente ao meio-dia, com a sua corça de vime e as vasilhas de vários tamanhos onde media escrupulosamente a ração diária de leite fresco que eu ia recolher para a minha mãe. (Fournier 2010: 14-15)

Nos livros de recordações sobre histórias de famílias ou de lugares de infância, a Cidade, apesar das suas carências, afigura-se como um refúgio que abriga e protege. Em despeito de um tom nostálgico, as narrativas de memória insular impõem-se como actos simbólicos que tendem a elevar o antigo equilíbrio social e a expressar o fascínio pelas origens, determinados pela angústia e pela saudade que a contemporaneidade pejada de incertezas pode, por vezes, suscitar.

Todavia, as inelutáveis e naturais transformações da Cidade levam diversos autores a sentir a necessidade de alertar contra a descaracterização da paisagem urbana aliada aos perigos do progresso, da mesma forma que expressam um sentimento de impotência relativo a mudanças não desejadas que a capital insular sofreu. Parece ser o caso de *Um Buraco na Boca*, de 1971, em que António Aragão alerta para o rápido crescimento da Cidade:

tomava-se rapidamente a cidade com os olhos. rápido demais. em especial quando se olhava dum desses miradouros a que se obrigava os turistas: **veja a torre da Sé ao centro. a doca mais abaixo. o velho forte. e os jardins do Casino à direita.** e depois? depois as ruas tortuosas e estreitas reduziam-se ainda mais quando vistas das janelas consumidas. ruas amedrontadas de carros. sem jeito para se andar. nem de carro nem a pé. (Aragão 1993: 166)

No livro de crónicas intitulado *Miscelânea de Memórias*, de 1999, Maria da Conceição de Oliveira Caldeira adianta, em “Das minhas janelas...”, com alguma ironia de permeio:

Durante alguns anos pudemos observar os navios grandes e pequenos a entrar e a sair do porto. Víamos a elegância e a beleza da Sé e podíamos acertar horas pelo seu relógio. Nunca pensámos que ela, a Sé, nos pudesse um dia ser roubada. Quando começaram as construções na Elías Garcia e começamos a ver desaparecer outras torres ou telhados em forma de torre, uma certeza que não queríamos aceitar começou a invadir-nos. [...] E, aos poucos, todos os dias, desaparecia mais uma nesga. A torre da Sé foi diminuindo. Da minha janela, eu despedia-me dela ou da sua torre. Um dia chegou a vez do relógio, depois era mais torre que se ia [...]. (Caldeira 1999: 225)

Na mesma esteira, Carlos Lélis propõe a micro-crónica “Um sonhador para a cidade”, em *C/Sem Ch/Xeques Carecas*, de 2003, onde denuncia os lucros fáceis do “progresso, fortunas, desenvolvimento”:

Os que se atiram a lucros-relâmpago, fura-que-fura, § ou têm parafusos a mais, ou são o pai e mãe de... tramóias, jigajogas. §§ A obsessão deste nosso desenrasca era pelo “centro da urbe”. § Os engenheiros da Câmara chumbava-no d’enfada, § por (re)quesitos técnicos, aberração estética, inchaços de volumetria. § O pato-bravo metia projectos, dava-lhe na bolha e na telha... § e padecia engulhos, enguizos, uma encrenca! §§ Até que «o jagodes» foi esmiolando umas cérceas e alçados, § os coeficientes para... p i s o s - e x t r a, à tripa-forra § – e um tipo de medidas “condicionadas”,

na área de Monumentos!... §§ Viram-no às voltas, à ro(n)da da Catedral, catalogando... a *olhómetro*. § Dias a fio. E foi numa madrugada que se lhe rebentou a placenta... § à nascença de um desígnio: progresso!, fortunas, desenvolvimento!... § se aquela estimativa (bestial, *um crânio!*) vingasse, a l a s t r a s s e : §§ e bastava aumentar DOIS ANDARES à Torre da Sé e... § e todos os edifícios, na *reviravolta*, a treparem andaimes de bradar “ó céu!” e... § e a construção a facturar empreitadas... de torres, espigões! E... *iibihiii*... § e... Euro-r€cibos, ao câmbio de m i l h õ e s ! ... §§ O rastilho da proposta foi já lançado por aí, «fogo!» § Até Dezembro, o isqueiro do engenhocas não acendeu entusiasmos... §§ – «O Funchal já está a arder?» (Lélis 2003: 161)

A percepção de estranheza suscitada pela transformação acelerada da cidade onde se vive desde a infância também virá ter expressão literária em algumas obras de Irene Lucília Andrade, nomeadamente *Angélica e a Sua Espécie*, onde a protagonista denuncia:

num diário secreto a vertigem da urbe invadida pela máquina e pelo fumo. A cidade começava a perder a sua qualidade de abrigo para se tornar no grande monstro devorador da serenidade. Crescia de fora para dentro, comprimia-se entre colunas e cubos de cimento com olhos de metal e vidro. [...]. O automóvel vencía a meta ao modorrenento carro de bois. [...] O ruído destruía a sonoridade essencial da vida. A bosta de boi espalhada pelas ruas estimulava os brônquios e curava a tosse convulsa, mas agora em vez da bosta, cada vez mais se acumulavam os detritos de plástico e outros resíduos ofensivos. Afinal o que tornava a cidade diferente era apenas o carácter dos lixos e não a condição da salubridade ou o processo da beleza. (Andrade 1993: 19)

Igualmente em voz feminina, no romance inédito *O Capitão Tormenta*, de Ângela Caires, e nos livros de contos *A Santa do Calbau*, de 1992, e *Para Ouvir Albinoni*, de 1995, de Maria Aurora Carvalho Homem, dar-se-á a ver o retrato de distintos ambientes sociais e relações de intimidade no contexto dos anos setenta e oitenta. Os lugares percorridos pela escrita parecem assumir a função de caracterizar personagens, em particular femininas, onde de forma recorrente se ilustra o drama e anseios da mulher, o leque de opções oferecido pela vida cosmopolita, o espírito conformista e egoísta dos homens, fazendo múltiplas vezes uso de um refinado humor irónico, com magistral desenvoltura ou, mais raro, de um inusitado sentido trágico.

A estas vozes femininas de inconformismo juntam-se *Contos de Maré Cheia*, de 1995, de João Luís Aguiar (1959), e *Estórias da Ilha e do Sufoco*, de 2001, de Luís Ladeira (1950), bem como alguns contos de Viale Moutinho, assumindo contornos de uma eventual reacção ao ambiente político-social. Trata-se de narrativas que parecem insinuar “uma” Madeira de desencanto e de protesto contra uma sociedade fechada sobre si mesma.

No referido livro de contos de João Luís Aguiar, leia-se “Cala-te!”, texto marcado por um tom sarcástico que desenvolve o tema da incomunicabilidade. Da observação do que se diz e se sabe acerca do “poder político” e do “quarto poder” deriva o desencanto do protagonista:

E entrou pela cidade a ver o que acontecia [...]. Desceu a calçada, entrou no café do senhor José, comprou o *Diário de Notícias* e sentou-se no balcão. [...]. § Numa das mesas, estavam uns velhotes, sentados. Falavam de política. § — Quem domina a

comunicação social domina tudo. § — Quem manda nisto é a Quinta Vigia. Eles é que mandam. [...] — Este povo vive numa ilha e não se importa de viver na miséria. § — Vejam Cuba. § Parecia que as ilhas tinham caído na fatalidade da intolerância e do silêncio. § — Se tu falas eu não falo — dizia um deles, irritado. § — O menino que se cale porque não percebe nada. § — Mas o público... § — O jornalista suga, das misérias dos outros, a notícia. § Ali ninguém dava a palavra a ninguém. Todos queriam falar ao mesmo tempo e isso é o que interessava. Não se ouvia nada, não se sabia nada. Tudo ficava pelo meio, as palavras, as vontades, os humores. (Aguiar 1995: 42-43)

“O tubarão”, conto de Luís Ladeira, irá metaforizar o homem-ameaça de “uma estranha casta de indivíduos [que] apareceu na cidade”:

Tinham focinho aguçado e salientes e afiados dentes. Ostentavam, no prolongamento da nuca, uma elevação em forma espinha. Sobraçavam pastas diversas. Eram tratados por excelências. § — Eu bem desconfiei — disse de si para si, num murmúrio inaudível, o perspicaz Policarpo. (Ladeira 2001: 18)

Essa ameaça latente parece pairar igualmente na narrativa de ficção *Hotel Paraíso*, de Laura Moniz (1967), em que a voz do texto oferece a sobreposição de vários planos — real/ficção, memória/onírico, sanidade/loucura, referencial/simbólico — com algumas sequências elípticas, desdobrando-se ora numa narração omnisciente ora numa narração na primeira pessoa (destacada

tipograficamente com itálico), ao insistir numa imagem algo desoladora da Cidade:

[... N]o meio dos seus devaneios, [José Benedito] concluíra que não suportava tanto cimento nem o barulho dos automóveis e assim decidira escolher o *Hotel Paraíso*. De resto não lhe apetecia estar com os *yes men* da cidade. Na Rua Fernão Ornelas, pujante de movimento, onde dois guardiões, dois zeladores da justiça, cegos como ela, passavam os dias da semana, um, a tocar acordeão, e outro, a contar os passos na calçada. (Moniz 2008: 16)

Através de algumas personagens, Viale Moutinho parece estabelecer uma eventual ligação com a realidade insular, de que podem ser exemplo os contos “Telésfore”, inserido no livro *Já os Galos Pretos Cantam*, de 2003, e “Santos, mortos e outros vivos”, publicado em *Destruição de um Jardim Romântico*:

A grande decepção que tive nesta viagem ao Funchal, quero registá-lo, foi não ter conseguido localizar na Rua dos Ilhéus a casa onde nasci e viveram meus pais, de que havia constância numa aguarela de Max Römer, que sempre se encontrava exposta no local mais visível das casas em que íamos vivendo na Europa, em Portugal e em França. A casa da Rua dos Ilhéus desaparecera e no seu lugar restava um buraco enegrecido, como se uma entidade musculadamente poderosa tivesse arrancado a casa dali e a tivesse engolido ou remetido para outro planeta. E recordei-me da noite da chegada de quando o céu se rasgou. Para mim, afinal de contas, o Funchal existia pela planta de Mateus Fernandes, como se eu nunca tivesse abandonado a segunda metade do século XVI. (Moutinho 2008: 194)

Enquanto testemunhos atentos das profundas remodelações urbanas e do desenvolvimento socioeconómico acelerado dos anos noventa e dois mil, os autores parecem revelar, desse modo, alguma preocupação com eventuais perdas de valores culturais, morais e referentes identitários relacionados com a própria evolução da Cidade e dos costumes. Dessa consciência crítica parece derivar uma visão da Cidade que traduz a perplexidade perante as aceleradas expansões e transformações a que tem sido sujeita nestes últimos anos, designadamente, o excesso de novas construções.

Sempre atentos à valorização do quotidiano, os escritores parecem captar, de forma sentida, o que se passa no mundo à sua volta. É nesta perspectiva que se poderá encontrar uma possível leitura para determinadas situações flagrantes transmitidas em fragmentos e em imagens, documentos comoventes com recomendações sobre os mais variados problemas, numa comunhão de palavras e de experiências, de ideias e de emoções, para a construção de um todo que consiste em dizer – preservar? – a Cidade que tanto os cativa.

* * *

Considerou-se o Funchal como uma geografia decorrente de uma obra colectiva com as marcas da História e da evolução da comunidade que o foi moldando através das múltiplas visões que a narrativa de ficção e a crónica oferecem. Uma vez que esses discursos assentam em experiências na referida Cidade, os textos dos autores convocados contribuem não só para a cristalização da memória e da História dos seus lugares, mas também para a construção de um imaginário insular contemporâneo.

Para além da inventariação de algumas das imagens mais emblemáticas, as referências ao Funchal dão a ver a poesia do lugar, despertando a memória afectiva de todos quantos contact(ar)am com a Cidade e com a sua cultura. Dessa forma, valorizam-se e associam-se signos entendidos como parcelas da alma da Cidade, que o Funchal tem de duradouro, de particular e de autêntico, constituindo a metafísica da Cidade que alguns escritores interiorizaram e projectaram no papel.

Tendo em conta os projectos editoriais publicados recentemente,⁷⁰ a cidade do Funchal continua a representar um motivo de fascínio para escritores, a ser o fulcro da geografia sentimental para muitos que nela nasceram ou vivem. Até mesmo, quando acentuam uma visão crítica, a reconciliação com a Cidade parece mostrar-se sempre possível, talvez pelo sentimento de pertença interiorizado por todos aqueles que se deixaram impregnar pelo espírito desta Cidade, a cidade do Funchal.

⁷⁰ V., por exemplo, as monografias *Crónica Breve da Cidade Anónima – À Hora do Tordo*, de Irene Lucília Andrade (Funchal, E. M. Funchal 500 Anos, 2008), *12 Meses No Funchal*, colectânea de contos de vários autores organizada por António Fournier (Funchal, E. M. Funchal 500 Anos, 2008), *Regressos – Romance*, de António Loja (Funchal, O Liberal, 2008), *O Bazgar Alemão – Romance*, de Helena Marques (Lisboa, D. Quixote, 2010), *Velhos Deuses Empalhados*, de José Viale Moutinho (Porto, Afrontamento, 2010), *Contra a Corrente*, de Graça Alves (Vila Nova de Gaia, 7 dias 6 noites, 2011) e o conto “Quando estávamos vivos”, de Ana Teresa Pereira (*Mealibra – Revista de Cultura*, n.º 25, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho, 2010, pp. 19-24).